

Cursos tradicionais roubam a cena

No Vestibular 2010 a UFSC oferece 6.021 vagas para 32.554 candidatos. A oferta é recorde. Os cursos tradicionais, como Medicina, as Engenharias e o Direito, voltam a acirrar a disputa

p. 9

Foto: James Tavares



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal

Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Dezembro de 2009 - N° 407

Universidade às vésperas de completar meio século

A UFSC comemora no dia 18 de dezembro 49 anos. Integrada à sociedade local, através do programa de expansão e interiorização, a Instituição consolida o seu reconhecimento nacional e internacional no momento em que

se prepara para completar meio século. Taça UFSC, Prêmio Amigo da UFSC e lançamento da Marca dos 50 anos são destaques das atividades festivas

p. 2 e 8

Foto: Cláudia Reis



Às vésperas de comemorar 50 anos, Instituição consolida o seu reconhecimento nacional e internacional

Alimento

Sustentabilidade dá prêmio
p. 11

RU

A ética na fila
p. 5

Centenário

Burle Marx e os jardins da UFSC
p. 16

Ciência

Política de Estado
p. 7

Livro

Grupos de Pesquisa
p. 11

Do Editor

49 anos na frente

"Embora pertença a todos, o espaço público não é a casa da mãe Joana" - Ruy Castro, autor de *O leitor apaixonado*

Embora não esteja imune a crises e conflitos, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) reúne motivos de sobra para comemorar: às vésperas de completar 50 anos, a Instituição se destaca nas pesquisas de opinião e rankings locais, nacionais e internacionais como Universidade líder e de referência no ensino, na pesquisa, na extensão e na cultura.

A jovem universidade pública brasileira detém um dos melhores desempenhos internacionais na disponibilização do conhecimento científico e tecnológico na web (A UFSC é a 134ª no mundo e a terceira do Brasil).

Na pesquisa recém-divulgada pela Editora Abril, exibida no *Guia do Estudante*, 18 dos 39 cursos avaliados mereceram cinco estrelas. O feito rendeu à UFSC a sétima colocação no País, à frente, por exemplo, de universidades tradicionais como a Unicamp e a Federal do Paraná. A UFSC, agora também no interior, voltou a despontar nas pesquisas de opinião do Estado, o que foi comprovado, *in loco*, pelo Ibope e pelo Instituto Mapa.

A expansão da universidade, a criação de mais vagas e novos cursos, as ações afirmativas, a tutela da UFFS e a instalação dos campi de Joinville, Araranguá e Curitiba ampliaram a legitimidade da UFSC no Estado e junto à população.

A entrega do Troféu Amigo da UFSC, o lançamento da Taça UFSC do Campeonato Catarinense de Futebol e a apresentação oficial do selo comemorativo dos 50 anos marcam o contexto da transição dos 49 anos para o meio século da UFSC em 2010.

A Universidade já foi comparada, em dado momento, a um transatlântico sujeito a perder a bússola na mudança de reitor. Felizmente, a exemplo do País, a UFSC é maior do que governantes, diretores e dirigentes. A UFSC não corre o risco de naufragar porque uma instituição não é um navio.



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

Dilvo pro mundo. O reitor Dilvo Ristoff (UFFS) marcou presença na Primeira Cúpula Mundial de Inovação para a Educação, realizada em Doha, no Qatar.

Refresco. No Boletim da Universidade o reitor da UFFS aparece ao lado de Gerhard Schröder (Alemanha) e Biz Stone, criador do Twitter.

O voo da águia. A parceria hoje está inteiramente integrada à cultura de quem faz inovação. "Sozinho ninguém consegue nada", advertiu Carlos Alberto Schneider, da Fundação Certi/UFSC, na 3ª Conferência de CT&I. Como "uma andorinha só não faz verão", as universidades precisam voar junto com as empresas e as instituições governamentais. Com essa receita, a Certi ganhou o Prêmio Finep de Inovação 2009, na categoria Ciência e Tecnologia.

Vida ou morte! As universidades estão desafiadas a pesquisar alternativas agrícolas adaptáveis à fúria do clima.

Tarefa nobre. A UFSC, 49 anos nas costas, lidera a formação e o processo de fixação de doutores nas universidades do interior do Estado. Tarefa nobre para uma instituição com campi instalados em Joinville, Curitiba e Araranguá e tutelando, paralelamente, a implantação da Universidade da Fronteira Sul em SC, RS e PR.

Filme americano. O pai do governador Luiz Henrique costumava dizer que era mais fácil uma vaca voar do que um tornado baixar em SC. E não é que, além de um ciclone, regado a enchentes e secas, o Estado foi vítima de 12 tornados que fizeram uma vaca voar 300 metros!

Royalties. Professor João B. Calixto e UFSC conquistam os primeiros royalties com um produto contra rugas desenvolvido para a Natura. Vai vender milhões! Estaria caindo um tabu na universidade pública?

Deutschland alerta. "Por causa dos danos causados pelo clima, cerca de um décimo dos sete bilhões de habitantes da Terra poderiam perder sua moradia, devido à elevação do nível do mar. Teríamos, então, 700 milhões de flagelados..."

Questão de prioridade. Emídio Cantídio, ex-reitor e diretor de Bolsas da Capes, garante que "as universidades estão cheias de dinheiro". Mas as Assessorias de Comunicação estão rodando bolsinha!

Prevenido. Nilto Parma, o procurador, prima pela direção defensiva.

Poesia de quintal. O ex-diretor da EdUFSC, Alcides Buss, criou a sua própria editora. Com capa de Lúcia Iacizinski e editoração do filho Hermano, a Caminho de Dentro lançou *Saber não saber*, o primeiro de uma trilogia que promete ainda *Poder não poder* e *Ter não ter*.

Mangas arregaçadas. A Comissão dos 50 anos, coordenada por Cléia e Barbosa, tem suado a camisa para fazer uma comemoração à altura da UFSC.

Será? Antonio Callado, em *O Homem Cordial*, diz "que dormindo nos livramos de nós mesmos".

É complicado. A juventude dos órgãos controladores da União praticamente está inviabilizando a atividade científica com recursos públicos. O desabafo é geral! Os auditores moram nas universidades.

Ponto morto? "A Universidade é lenta para entender o que está acontecendo e lenta para reagir" - Laymert Garcia dos Santos, pesquisador da Unicamp, na revista *Cult*.

Outros tempos. Pró-Reitor João Batista Furtoso se ressentia da falta do Servinaldo, colunista que tirava o sono dos reitores.

Constatação I. "A Ciência está represada na Academia" - Marco Antônio Raupp, presidente da SBPC.

Constatação II. "A universidade brasileira é uma indústria de papers" - João Batista Calixto, da UFSC.

Constatação III. "Os pesquisadores são a razão da Ciência" - Alvaro Prata, reitor da UFSC.

Júbilo. O *Jornal Universitário (JU)* foi festejado durante reunião de assessores na Capes, em Brasília. Vários jornalistas solicitaram "assinatura" do periódico.

Canal XV. A TV UFSC, dirigida por Fernando Crocomo, está acontecendo. Os alunos do Jornalismo são talentosos.

"Tabagismo é maior entre os mais pobres"

O índice de fumantes na faixa com renda per capita inferior a 1/4 de salário mínimo é de 19,9%; entre os que ganham 2 mínimos ou mais, 13,5% (*Folha de S. Paulo*, 28/11/09)



Frase

Precisamos transformar o deserto da inovação de muitos municípios em terreno fértil para o desenvolvimento científico e tecnológico"
(Luiz Henrique da Silveira, governador de SC e ex-ministro do MCT)

Sonho de realidade

Em 2000 o Gabinete do Reitor da UFSC viveu um momento único: o relançamento, na presença de todos os ex-reitores, do livro *UFSC: Sonho e Realidade*, de autoria do fundador da instituição, professor João David Ferreira Lima. A obra saiu com o selo da EdUFSC.

A obra traz trechos memoráveis, como este, da página 80: "(...)o Projeto foi encaminhado ao presidente Juscelino Kubitschek, que afinal o sancionou, transformando-o na Lei nº 3.849, de 18 de dezembro de 1960, sem dúvida, marco histórico do ensino superior, em nosso Estado, ocorrido, para alegria minha, e por uma coincidência muito feliz, justamente em data assinalada do meu lar, pois naquele dia festejava as bodas de prata do meu casamento".

Foto: Arquivo Agecom



(da esq p/dir) Gilberto Vieira Ângelo (em pé), David Ferreira Lima, Rodolfo Pinto da Luz, Lucio Botelho e Paulo Ferreira Lima, filho do primeiro reitor



Expediente

Elaborado pela Agecom - Agência de Comunicação da UFSC
Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476
CEP 88040-970, Florianópolis - SC
www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br
Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323. Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:
Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing/ Redação:

Artemio R. de Souza (Jornalista)
Alita Diana (Jornalista)
Arley Reis (Jornalista)
Celita Campos (Jornalista)
Erich Casagrande (Bolsista)
Fernanda Burigo (Bolsista)
José A. de Souza (Jornalista)
Mara Paiva (Jornalista)
Margareth Rossi (Jornalista)
Maria Luiza de Oliveira Gil (Bolsista)
Natália Izidoro (Bolsista)
Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)
Paulo Fernando Liedtke
Tiago de Carvalho Pereira (Bolsista)
Tiffany Ródio (Bolsista)

Fotografia:

Carolina Dantas (Bolsista)
Lucas Sampaio (Bolsista)
Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico

Ledair Petry
Tania Regina de Souza

Editores e Projeto Gráfico:

Jorge Luiz Wagner Behr
Cláudia Schaun Reis (Jornalista)

Divisão de Gestão e Expediente:

João Pedro Tavares Filho (Coord.)
Beatriz S. Prado (Expediente)
Rogéria D'El Rei S. S. Martins
Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Diário Catarinense



Professores de ética

É tautológico falar em falta de ética no Congresso Nacional. Os escândalos se sucedem, do deputado que está "se lixando" para a opinião pública aos funcionários do Senado que, a exemplo de notórios senadores, ostentam um padrão de vida muito superior a seus vencimentos e à renda declarada.

Felizmente há exceções. Lástima que a indignação e o protesto de parlamentares íntegros tenham pouca ressonância nas ruas. Em geral, noticiam-se farras de passagens aéreas, castelos mirabolantes, mansões paradisíacas. Poucos tomam conhecimento da coerência de parlamentares incorruptíveis, incapazes, inclusive, de aceitar caixa 2 em suas campanhas eleitorais.

A corrupção decorre da falta de caráter. Esta se manifesta, de modo especial, quando a pessoa se vê investida de uma função de poder, do policial que extorpe o comerciante ou do delegado que embolsa pagamento de fianças ao empresário que suborna o funcionário público para obter licitações fajutas; do prefeito que se apropria dos recursos da merenda escolar a parlamentares que se julgam no direito de pagar, com dinheiro público, o salário de sua empregada doméstica.

Como dar um basta em tanta maracutaia? Difícil. O ser humano padece de duas limitações insuperáveis: defeito de fabricação e prazo de validade. É o que a Bíblia chama de "pecado original". Sempre haverá homens e mulheres desprovidos de caráter, de princípios éticos, dispostos a não perder a primeira oportunidade de enriquecimento ilícito. A solução não reside no cultivo das virtudes, que tem sua importância. Fosse assim, os colégios religiosos, onde estudaram Collor e Maluf, seriam fábricas de anjos.

A solução é criar, via profunda reforma política, instituições que inibam os corruptos e mecanismos de controle popular. Em suma, tornar a nossa democracia, meramente delegativa, mais representativa e, sobretudo, participativa.

Enquanto a solução não aparece, sugiro que convidem, para ministrar um curso de ética no Congresso Nacional, suas excelências José Gomes da Costa, Rodrigo Botelho, Francisco Basílio Cavalcanti, Clélia Machado, Sebastião Breta e Fagner Tamborim.

O que essas pessoas fizeram não deveria ser considerado extraordinário. No entanto, frente aos casuísmos, ao nepotismo, à malversação, ao cinismo de parlamentares tentando justificar o injustificável, convém propalar o exemplo desses professores de ética.

José Gomes da Costa é gari da prefeitura de São Paulo. Ganha R\$ 600 por mês. Vinte e seis vezes menos que um deputado federal. Com este salário, sustenta a si e três filhos. Dia 18 de maio último, ao varrer a rua, encontrou um cheque do Banco do Brasil no valor de R\$

2.514,95. José precisaria trabalhar quatro meses, sem nenhuma despesa, para acumular esta quantia. Procurou uma agência do banco e devolveu o cheque. Motivo: vergonha na cara.

Gari, Rodrigo Botelho encontrou, em 26 de maio de 2008, durante Campeonato Mundial de Tênis de Mesa, no Rio, mochila com R\$ 3 mil em dinheiro. Viu o nome do dono nos documentos, chamou-o pelo microfone e devolveu. Rodrigo é normal, tem caráter.

Francisco Basílio Cavalcante, faxineiro do aeroporto de Brasília, pai de 5 filhos, ganha salário mínimo. No dia 10 de março de 2004, encontrou uma bolsa de couro no banheiro do aeroporto. Dentro, US\$ 10 mil e um passaporte. Se fosse juntar o salário que ganha, sem gastar um só centavo, levaria 3 anos e 4 meses para obter igual soma.

Francisco declarou: "Tem que ser assim. O que não é nosso precisa ser devolvido. Um dinheiro que não é da gente não pode ser do bem. Não pode trazer felicidade".

Clélia Machado, 29, é auxiliar de serviços gerais e faz bico como manicure. Sozinha, cria duas filhas, uma de 7 anos, outra de 9. Sua renda mensal não chega a R\$ 550. Todos os dias ela faz a faxina do banheiro do posto da Polícia Rodoviária Federal em Seberi (RS), onde trabalha há três anos. A 11 de março de 2008, encontrou, junto à privada, um pé de meia enrolado em papel higiênico. Dentro, US\$ 6.715. Clélia entregou os dólares aos policiais. Entrevistada, declarou: "Bem que podia ser meu de verdade. Mas já que não me pertencia, devolvi na hora. Era o certo a fazer".

O gari Sebastião Breta, 43, da prefeitura de Cariacica (ES), devolveu os R\$ 12.366 mil que achou num malote no lixo. O nome do homem que fora roubado estava gravado numa etiqueta. Sebastião ganha salário mínimo. Indagado se pensou em ficar com o dinheiro, disse: "Nunca. Desde a primeira vez que vi sabia que devia devolver. Quando não consigo pagar as minhas contas fico doido, pensava o tempo todo como estaria o dono do dinheiro, imaginava que ele também não podia pagar suas contas porque tinha perdido tudo. Eu e minha mulher não conseguiríamos dormir à noite. Acho esquisito pegar o que não é da gente".

Fagner Tamborim, 17 anos, entregador de jornais na cidade de Pirajuí, a 398 km de São Paulo, ganha R\$ 90 por mês. Enquanto pedalava sua bicicleta, encontrou na rua um malote com R\$ 6 mil. Devolveu-o ao dono. "Vi que tinha muito dinheiro e cheques. Levei pra minha mãe, que ligou para o banco."

O melhor do Brasil é o brasileiro, não necessariamente nossos parlamentares.

Frei Betto é escritor, autor, em parceria com Verissimo, Cristovam Buarque e outros, de O desafio ético (Garamond), entre outros livros.

Por que contratar um empresário junior?

O Movimento Empresa Junior foi iniciado em 1967 na L'École Supérieure des Sciences Economiques et Commerciales - em Paris. O Movimento se expandiu e a primeira Empresa Junior brasileira foi criada em 1989, na Fundação Getúlio Vargas (FVG) em São Paulo.

O objetivo deste tipo de organização é promover uma experiência de mercado aos alunos graduandos da instituição à qual ela é vinculada. Assim, durante a faculdade, os Empresários Juniores têm a real experiência de trabalhar em uma empresa, assumindo cargos de liderança e realizando projetos. No estado, o movimento é representado pela Federação das Empresas Juniores de Santa Catarina, a FEJESC.

Frederico Mesquita, Engenheiro de Automação graduado pela UFSC, Administrador formado pela ESAG, e Doutor em Administração pela FGV de São Paulo, e que acumula experiências de trabalho em empresas como a Souza Cruz e a AMBEV, ressalta o diferencial de seus funcionários que são ou já foram Empresários Juniores.

Para ele, aqueles que passaram por uma Empresa Junior já estão em vantagem sobre os demais só pelo fato de terem buscado viver este tipo de experiência. Afirma que os Empresários Juniores têm talento e responsabilidade, demonstram preocupação com o futuro, autonomia na realização de tarefas e tendências ao empreendedorismo. A opinião do empresário é consequência do tempo em que trabalhou indiretamente com o Movimento Empresa Junior e do contato com funcionários ligados ao Movimento.

O Engenheiro Administrador comenta também que a experiência de Empresa Junior agrega valores para a vida e a carreira do Empresário Junior, já que a exposição aos desafios propostos é uma oportunidade para desenvolver os talentos e amadurecer emocionalmente, estando mais preparado para o mercado de trabalho. Outro ponto forte destacado é o contato com a criação e execução de projetos na área de consultoria, pois o Empresário Junior é cobrado e exigido na Empresa Junior da mesma forma que será no mercado de trabalho.

Além dos benefícios já citados, Frederico Mesquita fala sobre outras vantagens de contratar Empresários Juniores. Com base em sua experiência na Ligmak, empresa de Contact Center que tem entre seus clientes a IG, o IBEST e a SKY, afirma que gastou menos tempo e dinheiro durante o treinamento. Segundo ele, os Empresários Juniores já têm um conhecimento corporativo, o que agrega valor imediatamente e evita o retrabalho. O esforço da empresa acaba sendo apenas moldar o conhecimento já adquirido pelo Empresário Junior, o que traz vantagens em curto prazo, diferentemente daqueles que não tiveram experiências deste tipo.

Segundo Frederico Mesquita, grande parte das empresas não buscam esta aproximação com as universidades, e, ao invés de tentar um contato anterior, ficam esperando que jovens talentos batam à sua porta logo depois de formados. As pessoas talentosas, segundo ele, se reconhecidas e valorizadas desde cedo, aumentam a competitividade das empresas, colocando-as à frente da concorrência de mercado.

Lúiza Fregapani é assessora da Fejesc.

Ciência & Estado

A Ciência, a Tecnologia e a Inovação gozam hoje de um grau de amadurecimento jamais imaginado em Santa Catarina. Com a Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica (Fapesc) e a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Epagri) aparentemente consolidadas, o Estado regulamentou, de forma pioneira no País, a sua Lei da Inovação, e, em ato contínuo, reuniu o Conselho Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação - Conciti - para aprovar, por unanimidade, a Política que dá sentido, vida e sustentação para essa área estratégica daqui por diante.

A tendência, considerando o andar da carruagem, é caminhar progressivamente para o cumprimento da Constituição Estadual, que manda investir 2% da arrecadação líquida de impostos em CT&I, divididos, meio a meio, para pesquisa científica e pesquisa agropecuária. Nos parâmetros atuais, o setor totalizaria injeções superiores a R\$ 180 milhões anuais. O cartão de crédito do pesquisador, o lançamento do Prêmio Caspar Erich Stemmer da Inovação e os editais de pesquisa da Fapesc para o interior e contra as catástrofes emprestam, enfim, coerência à efetivação da Política de Estado para o setor. Agora, como diria Fritz Müller, só falta cumprir a Constituição.

Embora atuando em campos políticos divergentes, mas considerando a filosofia de parcerias e contrapartidas, aqui (entre nós) os governos Luiz Henrique e Lula convergem na convicção de que Ciência, Tecnologia e Inovação devem ascender definitivamente à condição de Política de Estado

(os municípios respaldam o conceito).

É nessa conjuntura política favorável que foi realizada na Universidade do Oeste de Santa Catarina - Unoesc, em Joaçaba, a 3ª Conferência Estadual de CT&I, que, pavimentada pela ideia de sustentabilidade do desenvolvimento, procurou tornar aplicáveis os instrumentos e marcos regulatórios vigentes. Em síntese, a comunidade científica e a sociedade precisam fazer valer e tornar palpável a legislação conquistada. A nova realidade, em tese, caso a burocracia e os órgãos de controle permitirem, aproximará o Poder Público, a academia e o setor produtivo. Organizada pela Fapesc, a conferência foi viabilizada pela Unoesc, Secretaria de Desenvolvimento Regional (SDR) e prefeituras da região.

Em sintonia com as demandas regionais e apostando na deslitorização e desconcentração científicas, a Conferência do Oeste enfocou, nos moldes da Política de Estado, o empreendedorismo, a inovação em áreas estratégicas e o papel vital da CT&I para o desenvolvimento social com respeito ao meio ambiente e às necessidades de inclusão social da população local.

Os resultados da conferência, a segunda estadual no País, adicionarão real substância à 4ª Conferência Nacional de CT&I marcada para maio de 2010, em Brasília. Demorou, como reconhece o ministro Sérgio Rezende, mas, felizmente, acabou prevalecendo no País e em SC a convicção de que "Ciência é uma questão de Estado, que transcende os governos, precisamente porque está

no cerne da dinâmica da vida civilizada".

A conferência de Joaçaba, ao mesmo tempo em que ofereceu contribuições inovadoras à conferência nacional, diagnosticou gargalos e apontou caminhos possíveis para sobreviver num mundo globalizado e fragmentado pelos constantes desastres naturais.

Ficou também mais ou menos claro na conferência que os parques (Sapiens etc), as incubadoras e o empreendedorismo efetivamente estão levando a universidade pública para mais perto da sociedade e até mesmo da mídia que aplaude o sucesso e comemora a perspectiva de dividir prováveis lucros.

A conferência, através da narração de experiências exitosas, demonstrou igualmente a liderança inovadora exercida no Estado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que costuma tirar da cartola as soluções para os reclames da população.

A ausência do ministro Rezende em Joaçaba não foi reclamada nem notada. Seus assessores honraram o compromisso. Ana Gabas fez um relato competente da performance do MCT, e Carlos Aragão, coordenador da Conferência Nacional, chamou todo mundo a dar palpite.

O evento discutirá cinco temas escolhidos pela "sociedade": a) inovação; b) sustentabilidade; c) novo papel do país no cenário internacional; d) educação; e) ciência.

Moacir Loth é jornalista.

Para alimentar os estudos e o trabalho

Restaurante Universitário, que funciona há 44 anos, já serviu milhões de refeições e continua a alimentar alunos, professores e técnico-administrativos

Natália Izidoro

Bolsista de Jornalismo na Agecom

O professor da manhã termina a aula e você e seus amigos correm para o RU para entrar na fila. São 11h55 e ela já começa a crescer. Enquanto uns vão à Administração do Restaurante comprar passes, outros aguardam na fila – guardando o próprio lugar e o dos amigos, na maioria das vezes. Para frequentar o restaurante, é necessário apresentar, no momento da compra, o cartão de identificação do RU ou o crachá da empresa responsável, caso seja prestador de serviços da UFSC. Para alunos, o preço é R\$ 1,50 e, para docentes, técnico-administrativos ou funcionários de outros órgãos oficiais em serviço na UFSC, é R\$ 2,90. Visitantes institucionais devidamente credenciados pela Administração pagam o valor de R\$ 6,10 e alunos com vulnerabilidade social ou mobilidade acadêmica são isentos.

Agora, 12h11, você percebe que a fila cresceu muito atrás de você – e na frente também, com os fura-filas de plantão. Você percebe que vai esperar um pouco mais. E ouve pessoas passando enquanto procuram os conhecidos que estão na fila. Juliana Silva, aluna de Psicologia, come quatro vezes por semana no Restaurante e acha a fila sempre demorada. “Eu fico em média meia hora, 40 minutos. É barato e a qualidade da comida melhorou bastante... mas não devia ser assim”, opina a estudante. Jean Cunha, aluno de Design, almoça todos os dias no RU. “Eu chego geralmente 11h50 na fila e espero em torno de meia hora. Às vezes eu até furo porque tenho aula à tarde, então é melhor almoçar logo. Mas o povo fura de sacanagem mesmo, às vezes nem tem nada pra fazer depois”.

Às 12h30, chegando perto da catraca, dois de seus amigos vão embora porque percebem que estão sem o cartão de acesso. Esses cartões podem ser feitos de segunda à sexta, das 8h às 12h50 e das 14h às 16h50, na Administração do RU. É necessário levar o número de matrícula e Documento de Identidade. E não podem ser esquecidos para entrar no Restaurante.

Além do cartão, você deve também levar sua caneca plástica – a última mudança



Foto: Cláudia Reis

Todos os dias são servidos arroz, feijão, um acompanhamento, dois tipos de salada e uma sobremesa

do RU, proposta pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE), pela Comissão do RU e pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). O dia 30 de outubro ficou marcado como a data em que alunos e servidores usaram pela última vez copos descartáveis para tomar água ou sucos oferecidos no restaurante. Outra das últimas mudanças são os pratos, que substituíram as antigas bandejas de alumínio.

O almoço dos frequentadores do RU tem, com isso, melhorado significativamente. “A apresentação do cartão de acesso, a troca de copos por canecas, a utilização dos pratos e a melhoria das refeições são alguns dos fatores que causam as longas filas”, aponta a atual diretora do Restaurante Universitário, Deise Rita.

Todos os dias, das 11h às 13h30, são servidos arroz, feijão, um acompanhamento, dois tipos de salada e uma sobremesa. O cardápio do Restaurante é pensado semanalmente, sempre tendo em vista os valores

nutricionais dos alimentos oferecidos, suas calorias e a diversidade de hábitos alimentares dos frequentadores, e fica afixado” perto das catracas de entrada e também pode ser acessado no site do restaurante (www.ru.ufsc.br). As opções vegetarianas, defendidas pelo grupo Vegetufsc e outros membros da comunidade universitária, estão sendo pensadas apenas para a nova ala do RU, uma vez que os atuais refeitórios não têm espaço disponível para esses alimentos.

A nova ala, que terá 1.500 acentos, tem a previsão de término da cozinha em março e a do refeitório em maio. Exigirá mais funcionários e terá novos equipamentos além dos que hoje estão no Refeitório A, que será desativado. Estão sendo feitas aquisições de materiais e o aparelho mais recente é uma máquina lava-louças com capacidade de limpeza de 6.600 pratos por hora, que aumenta consideravelmente a rapidez da lavagem de pratos, bandejas e talheres.

Para a reduzir da fila de entrega de

bandejas também há planos. A Empresa Júnior de Engenharia de Produção (EJEP) apresentou um projeto e obteve resultados satisfatórios nos acompanhamentos já feitos. Nele, ficariam dispostos pelos refeitórios móveis onde os usuários colocariam as bandejas e os restos orgânicos e papéis de modo prático e rápido.

Depois de comer, já a poucos minutos da aula da tarde, você deixa sua bandeja, seu prato com os restos de comida e talheres com os funcionários – em um espaço agora ampliado. Os restos de frutas, verduras e legumes do RU são levados todos os dias, pela Prefeitura, para um canteiro no Centro de Ciências Agrárias, onde bolsistas do centro, coordenados pelo professor Paul Richard, transformam o material em adubo orgânico.

Hoje, a UFSC também tem disponíveis outros serviços de refeição. No Centro de Convivência são oferecidos jantares – e agora almoços – pelo restaurante terceirizado Pivattello, que fica aberto também aos sábados, domingos e feriados. O restaurante, como o RU, oferece pratos variados durante a semana e é outra opção nos horários de almoço. Para os alunos, no entanto, a refeição no RU vale mais a pena. “No jantar vou ao Pivattello porque é a alternativa que tem nesse horário, mas no almoço sempre vou ao RU, acho que a comida é mais saborosa”, compara Jean Cunha. No Centro de Ciências Agrárias, há o Restaurante do CCA, que serve em média 400 refeições por dia aos estudantes do Centro.

Os frequentadores do RU podem conhecer mais de perto todos os processos produtivos realizados dentro do Restaurante. A Visita Orientada mostra o funcionamento, as estratégias e os planos de trabalho adotados pelo Órgão. O usuário que quiser conhecer o RU mais a fundo deve entrar em contato com a Divisão de Nutrição do Restaurante, responsável por organizar e coordenar os trabalhos, além de dirigir e controlar as atividades relacionadas à Ciência da Nutrição desenvolvidas no Órgão. Vinculada a essa divisão, a Seção de Cozinha é responsável pela operacionalização dos trabalhos durante a produção das refeições. A equipe de trabalho conta no total com 49 funcionários e outros 31 terceirizados.

De cantina a Restaurante

Ao longo dos 44 anos de funcionamento do Restaurante Universitário, milhões de refeições foram preparadas. A sua é uma das 4.300 servidas diariamente. Até 1965, o RU funcionou como Cantina Universitária na Rua Álvaro de Carvalho, administrado pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE). A partir de então, a UFSC implementou esses serviços nas instalações da Escola Técnica Federal de Santa Catarina, na Avenida Mauro Ramos, hoje atual Centro Federal de Educação Tecnológica (CFET), sob a direção do servidor Vilmar Bayestorff.

Em 1970, o RU passou à categoria de Órgão Suplementar, quando foi inaugurada a cozinha central do Refeitório A, no campus universitário. De 1981 a 1983, alguns melhoramentos foram efetuados, como a implantação da usina de carnes, com o apoio e orientação do Departamento

de Ciências e Tecnologia de Alimentos (a partir desta data, o RU passou a produzir para consumo próprio uma completa linha de embutidos), a produção de material de limpeza, com o apoio de Departamento de Ciências Farmacêuticas e a implantação do Serviço de Controle de Qualidade da matéria prima e produtos acabados, também com o apoio do Departamento de Ciências e Tecnologia de Alimentos.

Se o volume de serviços é grande, menor não é o esforço e a dedicação dos que lá trabalham. Visando aprimorar cada vez mais a qualificação profissional, a equipe de funcionários passa periodicamente por treinamentos específicos em suas áreas de atuação, como Relações Humanas e Higiene no Trabalho. Num primeiro momento da gestão foram realizados cursos que, agora, estão tendo seus resultados avaliados pelos funcionários.

Cozinheiros, poetas & loucos

Há quase dois anos, o chefe de cozinha do Restaurante é Manoel Emílio Ribeiro da Silva. Trabalhador do RU há 16 anos, agora ele faz o contato entre a diretora do restaurante e os outros funcionários e organiza a escala de serviço de todos. “Além de ser psicólogo, conselheiro...”, comenta Manoel. Segundo ele, o Restaurante tem recebido mais e-mails com elogios nos últimos meses. “Houve uma melhora no cardápio, que agora está mais elaborado. Alguns alimentos, inclusive, já chegam semiprontos aqui”, informa o chefe. Sobre a relação entre os funcionários, Manoel resume: “Aqui acontece de tudo. Brigas, amores, discussões, marcação de festas. É um lugar que reúne seres humanos. E todos os homens têm um pouco de poeta, de louco, de tudo...”.



Foto: Paulo Noronha

Manoel veste a camisa: é chefe de cozinha, psicólogo e conselheiro

O mundo é dos espertos

Corrupção tem a ver com furar a fila do RU? Iniciativas individuais tentam chamar à consciência para as pequenas ações do dia a dia aparentemente inofensivas

Tifany Ródio

Bolsista de Jornalismo na Agecom

A fila é enorme, e a fome também. É nessa hora que o famoso jeitinho brasileiro entra em cena. O cidadão dá uma voltinha pela fila do Restaurante Universitário à procura de cúmplices, digo, amigos, e torce para que eles estejam bem pertinho da porta de entrada. Sem disfarce nem vergonha, o espertinho engata uma conversa animada e se espreita para dentro da fila. Está feito. Ele passou na frente de centenas de alunos que estão com a mesma pressa, e a mesma fome.

Essa é uma cena diária e comum. O fato é que se criou uma cultura onde todos acham normal furar a fila, poucos reclamam dos furões ou negam um 'espacinho' para seus amigos. "O Brasil é extremamente permissivo, e é por isso que a situação continua acontecendo. Torna-se mais visível quem se opõe ao comportamento do que quem transgredir, isso quer dizer que somos complacentes. As pessoas não se manifestam porque querem que ninguém reclame quando elas fizerem o mesmo".

Motivado pela indignação de ver a elite intelectual tendo atitudes igualmente corruptas àquelas que questionamos dos governantes, o aluno de Psicologia Leonardo Pereira de Lima foi além do que

geralmente vemos - pessoas passivas ou manifestações mudas. Em agosto deste ano criou o blog www.respeiteafiladoru.blogspot.br. O título já é autoexplicativo. Entre textos reflexivos e provocadores, Leonardo propõe uma enquete: Entre 153 respondentes, 19% acreditam que furar filas não tem implicações morais, éticas ou concretas. Um aluno da quinta fase, que não quis se identificar, tem essa mesma posição: "A tradição da fila do RU é furar a fila do RU. Desde que você é calouro você aprende que ela não anda em linha reta, e sim para os lados. Não vejo relação entre fazer isso e ser corrupto ou antiético".

A iniciativa de Leonardo não para por aí. O estudante realizou uma pesquisa em que aplicou questionários a 61 pessoas que esperavam na fila do Restaurante Universitário. Destas, 49 consideram que furar a fila é tolerável, e a justificativa mais aceitável é por estar atrasado, seguido de ter a companhia dos amigos. Refletindo o que observamos diariamente, quase 70% costumam ter esse comportamento. Esse não é um problema local: na Universidade de São Carlos a solução foi contratar guardas para fazer o controle, e na Universidade de São Paulo estão sendo distribuídas senhas. Aqui, por enquanto, a medida é de conscientização através de campanhas, que devem começar semestre que vem.



Foto: Cláudia Reis

Pesquisa realizada por aluno de Psicologia revela que 70% dos frequentadores costumam furar as filas do RU; hábito considerado "tradição" não deixa de ser antiético



Foto: Carolina Dantas



Foto: Jones Bastos

Não estacionar nas rótulas e manter o silêncio nas dependências da Biblioteca: mudança de atitude passa primeiro pela conscientização

"Falta de ética dá poder"

Parece que a educação também está passando longe de alguns motoristas, que insistem em estacionar nas rótulas do Campus, atrapalhando a passagem do transporte coletivo. Nem as placas de proibido estacionar os intimidam.

A Segurança do Campus, responsável por fazer a vigilância do local durante 24 horas, passa pelos carros deixando uma notificação de que eles estão irregulares. Mas, no dia seguinte, lá estão eles de novo. Com a recorrência dos casos, a Universidade solicitou que a Guarda Municipal fizesse rondas nas rótulas, o que vem acontecendo quase que diariamente há cerca de cinco meses. Segundo o chefe de operações Joseney Pereira, no começo eles chegavam a multar 50 carros por dia. Hoje, é uma média de 20. Mesmo correndo o risco de que a imprudência pese no bolso, os números ainda não chegaram à zero.

É com iniciativa de algumas pessoas que a mudança começa. No segundo semestre deste ano, a Biblioteca Universitária lançou um movimento solitário a favor do silêncio. Observando o barulho excessivo e crescente, a equipe da BU resolveu resgatar a ideia de uma campanha feita em 1997, em parceria com o Departamento de Design. Logo na porta de entrada da Biblioteca há cartazes divertidos que alertam para o barulho com a representação de onomatopéias e da palavra Silêncio em dez idiomas. Para reforçar, os bibliotecários passam de mesa em mesa pedindo para os alunos baixarem o volume da conversa, quando necessário. Narcisca Amboni, diretora da BU, aponta os resultados da iniciativa: "No começo, a campanha foi muito positiva. O barulho diminuiu consideravelmente, mas hoje o resultado já se perdeu. É uma questão cultural, é preciso sensibilizar toda comunidade da importância de termos silêncio na Biblioteca

proporcionando desta forma a reflexão e a pesquisa. Estamos revendo o que podemos na campanha, nós não desistimos".

Essas transgressões não têm implicações jurídicas, com exceção do estacionamento nas rótulas, mas não quer dizer que são éticas. "Todos esses são exemplos de regras que colocam limites artificiais e que permitem a convivência harmônica. Nas filas, há uma regra preestabelecida. Quem fura está se dando bem em cima dos outros. Na Biblioteca Universitária, há uma regra da Instituição de que não se deve falar alto. E para os carros nas rótulas há uma lei do Estado, é uma conduta jurídica", diz Jeanine Nicolazee Philippi, professora de ética do Departamento de Direito.

Seria pretensão tentar apontar todas as atitudes da nossa comunidade universitária que apresentam implicações éticas. Infinitos fatores também teriam que ser citados, como a falta de debate, as conversas nas salas de aula, e os rabiscos nos livros da biblioteca. É importante que consigamos identificar essas práticas e conscientizar de suas consequências. "A nossa maturidade está diretamente ligada à capacidade que nós temos de avaliar as nossas atitudes e perceber que elas afetam a vida dos outros. Nós não aprendemos a fazer isso. É cada um por si, não somos cooperativos.", diz a professora de Psicologia Olga Kubo.

Segundo Jeanine, a malandragem está presente em todos os segmentos: alunos, professores e técnicos. "Os que levam vantagem se destacam por isso. Se colocar acima da lei é algo referenciado, dá prestígio, poder."

Enraizadas em nossa cultura, essas e outras atitudes são aceitas como normais e inconseqüentes. Enquanto nossos heróis forem os malandros, continuará imperando a famosa Lei de Gérson: nós devemos levar vantagem em tudo.

Pesquisas podem prevenir desastres naturais

Fapesc investirá R\$ 2 milhões em 17 projetos de pesquisas relacionadas a estratégias de prevenção de desastres naturais em SC; três dos projetos são da UFSC

Natália Izidoro

Bolsista de Jornalismo na Agecom

Três projetos da Universidade Federal de Santa Catarina foram escolhidos para receber apoio financeiro da Fundação de

Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (Fapesc). A Fundação investirá 2 milhões de reais em 17 projetos de pesquisas científicas, tecnológicas e de inovação relacionadas a estratégias de prevenção de desastres

naturais em Santa Catarina.

Foram aprovadas as propostas capazes de preparar o Estado para futuras emergências decorrentes de fenômenos meteorológicos extremos. O valor do investimento do governo estadual será liberado

em dois anos, previsão de duração dos projetos, com repasse de até 50% do total já em 2009. Os contratos de financiamento foram aprovados no dia 3 de novembro e, após as fases de reajuste do orçamento, começarão a ser executados.

Professores, alunos e comunidades unidos contra as cheias

Análise e mapeamento

Um dos projetos da UFSC é o do professor Edison Ramos Tomazolli, do Departamento de Geociências. A elaboração contou com participação do professor e de um grupo do departamento que trabalhava com o tema há cerca de um ano. Juntos, eles propõem a análise e mapeamento das áreas de risco a movimento de massa e inundações no Complexo do Morro do Baú, uma das regiões mais afetadas pelas chuvas e deslizamentos em novembro de 2008. "Esse projeto se mostra importante porque fará a delimitação das áreas de risco e, com esse conhecimento, ajudará as

comunidades da região, facilitando o monitoramento e dando avisos aos habitantes do local quando preciso", explicou o professor.

Este projeto recebeu a maior cota de financiamento da Fapesc, quase R\$ 300 mil. A equipe conta em média com 21 pessoas dentre professores, pesquisadores e estudantes dos cursos de Geografia e Engenharia Sanitária e Ambiental da UFSC. A área, estritamente rural, fica situada no triângulo formado pelos municípios de Ilhota, Luiz Alves e Gaspar. "Essa análise se mostra importante também em nível municipal, na medida que a delimitação das áreas de risco ajuda no planejamento desses locais", finalizou Tomazolli.

O social antes, durante e depois

Outra proposta aprovada foi a da professora Rosana Carvalho Martinelli Freitas, do Departamento de Serviço Social, elaborada juntamente com a assistente social e mestranda de Serviço Social Cristiane Coelho de Campos. O estudo exploratório se insere na linha de pesquisa "Desigualdade e Pobreza" do Núcleo de Estudos e Pesquisas Estado, Sociedade Civil, Políticas Públicas e Serviço Social (NESPP) da UFSC. O projeto tem como objetivo geral analisar a intervenção da equipe profissional diante de situações de desastres. "Ele tem a intenção de aprofundar o conhecimento, ainda incipiente, no contexto catarinense e brasileiro sobre o trabalho social desenvolvido nos três momentos que constituem o ciclo de gerenciamento de um desastre: o antes, o durante e o depois", explica Rosana.

A equipe é composta pelas idealizadoras do projeto, estudantes de graduação e profissionais de Blumenau e de Florianópolis, que em diferentes mo-

mentos participarão das atividades previstas. "Cabe à comunidade científica promover articulações intra e interinstitucionais no sentido de fortalecer a produção de conhecimentos no processo de planejamento, execução e avaliação de uma política sócioambiental. Além disso, deve-se procurar subsidiar a capacitação de profissionais preparados para gerar mudanças culturais no que tange a questão ambiental versus desenvolvimento", afirmou a professora.

Segundo Rosana, a compreensão da problemática do meio ambiente desponta questões na esfera política, econômica, social e cultural e se faz necessário ampliar o conhecimento e contribuir para o enfrentamento das questões existentes. "O que se percebe no Brasil é uma grande mobilização e liberação de investimentos após o desastre como forma de auxílio, e não como política instituída para a prevenção e o enfrentamento em situações de desastres", concluiu.

Atlas de desastres ampliado e revisado

Também foi aprovado o projeto em nome da professora Maria Lúcia de Paula Herrmann, professora do Departamento de Geociências da UFSC e coordenadora do Grupo de Desastres Naturais de Santa Catarina (GEDN). A equipe, que conta com dois professores e quatro alunos da Universidade, terá ajuda de membros do grupo para a realização do projeto: uma atualização revisada e ampliada do Atlas de Desastres Naturais ocorridos entre 1980 e 2010 em Santa Catarina.

O Atlas já havia sido organizado pela professora e editado em 2004 com o apoio e auxílio da Diretoria Estadual de Defesa Civil (DEDC), em parceria com o Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres (CEPED) da UFSC.

Transcorridos seis anos após a publicação, novos e impactantes episódios climáticos ocorreram no Estado e a presente proposta de reedição do volume pretende adotar a mesma sistemática de registros dos desastres registrados a partir de 2004 e destacar, como feito com o furacão Catarina, os eventos catastróficos que ocorreram no período de 2004 a 2009.

"Pretende-se abordar o episódio pluviial intenso de Novembro de 2008, que afetou com inundações e escorregamentos o baixo curso do vale do Itajaí e litoral, e os episódios de vendaval, tornados simultâneos e inundações que ocorreram em setembro de 2009, afetando mais de 80 municípios do Estado", explicou a professora.

Maria Lúcia acredita que, dando enfoque ao levantamento sistemático dos desastres naturais, é possível oferecer subsídios para a análise dos excepcionalismos climáticos do Estado e para as ações de planejamento e prevenção. A professora ainda resalta que é necessário que o poder público faça a sua parte para a produção de uma sociedade menos vulnerável e a construção de um território com menos riscos. "O poder público deve tomar as providências, democratizar as ações e consolidar uma política de prevenção e de segurança para os seus cidadãos, além de discutir a utilização racional do espaço", destacou.

Fotos: Juliana Kroeger



Blumenau (esq) e Ilhota foram duas das cidades mais atingidas em novembro de 2008; projetos selecionados devem preparar o Estado para futuras emergências

19 instituições por SC

Fenômenos naturais extremos vêm atingindo diversos estados do Brasil e têm deixado prejuízos sociais, ambientais, econômicos e humanos. Santa Catarina, devido sua posição geográfica, é atingida constantemente por adversidades atmosféricas diversas, caracterizadas pelos elevados totais pluviométricos, pelos prolongados meses de estiagens e pelas tempestades severas, que geram vendavais, granizos, tornados e marés de tempestades.

Em novembro de 2008, as chuvas causaram grandes danos, principalmente para no Vale do Rio Itajaí. Além de incontáveis prejuízos econômicos, foi registrado, nos dias seguintes ao evento, um saldo de

117 óbitos, 32 desaparecidos, 21.269 desabrigados, 47.895 desalojados.

Nesses casos, em que os eventos são catastróficos, a ação desarticulada do Estado torna-se visível. Entram em ação a Defesa Civil Estadual e outras entidades, mas é difícil coordenar suas atuações diante da urgência de alguns casos. Para mudar essa situação, o Governo do Estado instituiu o Grupo Técnico Científico (GTC). Sob coordenação geral do professor Diomário Queiroz, presidente da Fapesc, o grupo quer articular esforços e, na medida do possível, prevenir as piores consequências dos desastres naturais, além de atender essas emergências.

Dentre universidades, secretarias e fundações nacionais e estaduais, participam do GTC, ao todo, 19 instituições. O grupo tem como objetivos a avaliação técnica e científica das diferentes catástrofes naturais ocorrentes em Santa Catarina, a proposição de projetos de natureza preventiva que visem a redução dos efeitos produzidos pelas catástrofes e a ajuda ao governo para elaboração de instrumentos legais que contribuam para o efetivo desenvolvimento sustentável do Estado.

Mais informações: Fapesc: www.funcitec.rct-sc.br, fone (48) 3215-1200; GEDN: www.cfh.ufsc.br/~gedn, fone: 3721-8815; CTG: www.catastrofesnaturais.sc.gov.br

Ciência e pesquisa para todos

III Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, realizada em Joaçaba, reuniu as comunidades acadêmica, empresarial e o setor governamental em torno de discussões para fomentar a pesquisa em CT&I

A regionalização dos investimentos em pesquisa, maior aproximação entre universidades e empresas e o uso da inovação como motor para o desenvolvimento, seja na iniciativa privada, seja na prestação de serviços públicos, foram questões essenciais discutidas e com desdobramentos encaminhados durante a III Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, realizada nos dias 26 e 27 de novembro nas dependências da Unoesc, em Joaçaba.

Voltado para as comunidades acadêmica, empresarial e o setor governamental, o evento ressaltou a importância dos editais de apoio à pesquisa – este ano, foram R\$ 18 milhões destinados a 312 projetos de todo o Estado – no sentido de fortalecer a CT&I em Santa Catarina. Esses e outros temas serão levados como subsídios à IV Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, programada para maio de 2010 em Brasília.

Os resultados finais e as sugestões que saíram das comissões e grupos

de trabalho foram apresentados pelo presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado (Fapesc), Antônio Diomário de Queiroz, e pelo presidente da comissão organizadora da conferência nacional do próximo ano, Carlos Alberto Aragão. Eles defenderam a efetiva autonomia financeira da Fapesc e a adoção de um programa de permanência dos doutores nas universidades espalhadas pelo Estado, onde podem contribuir para o desenvolvimento local.

Uma proposta que emergiu da conferência foi a adaptação da Lei Catarinense da Inovação ao serviço público, criando a figura do pesquisador público e facilitando a integração universidade-empresa. Outra sugestão foi o compartilhamento de práticas e experiências entre institutos de pesquisa, buscando qualificar os técnicos das Secretarias de Desenvolvimento Regional para que possam lidar melhor com a ciência e a tecnologia e a inovação.

Foto: James Tavares



Uma das propostas originárias da Conferência foi a criação da figura do pesquisador público, o que facilitaria a integração universidade-empresa

Os desafios do momento

O presidente da Fapesc, Antônio Diomário de Queiroz, falou do desenvolvimento local facultado pela pesquisa, da interiorização dos investimentos e do fortalecimento do sistema de ciência e tecnologia em Santa Catarina. "Estamos aproximando as universidades, o setor produtivo e o governo e provocando as mudanças necessárias para melhorar a qualidade de vida, sempre apostando na inovação e no empreendedorismo", disse ele. As 36 Secretarias de Desenvolvimento Regional enviaram projetos para o edital da Fapesc.

Presente na conferência, o presidente da SBPC, Marco Antônio Raupp, elencou cinco desafios que precisam ser superados no País: vencer os desequilíbrios regionais (70% da ciência, tecnologia e inovação são desenvolvidas na Região Sudeste), reduzir o fosso entre o conhecimento acadêmico e as necessidades do setor produtivo, investir na educação fundamental, revisar as legislações (marcos regulatórios) que paralisam o desenvolvimento e priorizar as políticas públicas de ciência e tecnologia (que devem deixar de ser uma questão de governo para se transformar em Política de Estado).

Gestão e empreendedorismo

O presidente da Fundação Certi, Carlos Alberto Schneider, fez uma apologia à inovação e ao empreendedorismo. Dizendo-se um "entusiasta do desenvolvimento", ele defendeu a ampliação dos institutos de CT e o desenvolvimento técnico regional. Para ele, a injeção de tecnologias novas vai gerar soluções que permitirão "colocar em prática novas formas para o fazer", vencendo as burocracias e as lentidões e melhorando todos os processos de gestão.

A inovação, segundo Schneider, pode atender às políticas públicas na promoção da cultura empreendedora em todo o sistema de educação, de forma integrada, em todos os níveis. Ele defendeu o fomento e a capacitação como instrumentos de estímulo ao empreendedorismo inovador e sustentável, e também a articulação das universidades com os núcleos de inovação das empresas, investindo mais na profissionalização tecnológica.

Golpe na burocracia

Também presente na conferência, o governador Luiz Henrique da Silveira informou que 1,3 milhão de jovens estão conectados à Rede Catarinense de Ciência e Tecnologia (RCT) e que, graças à expansão da cobertura da rede de energia elétrica, mais 39.500 propriedades rurais foram incluídas no rol das famílias que têm acesso às informações e aos recursos do mundo moderno. "A telemedicina permite a realização de 100 mil exames em todas as regiões do Estado, em tempo real, e houve um grande avanço das incubadoras e programas tecnológicos em Santa Catarina", afirmou.

Segundo Estado a realizar sua reunião preparatória, Santa Catarina também está desburocratizando os procedimentos de movimentação dos recursos pelos profissionais da pesquisa, por meio do Cartão Pesquisador, oficializado durante a conferência de Joaçaba. Isso agiliza a prestação de contas junto à Fapesc e transfere para o pesquisador a responsabilidade pela movimentação da verba recebida para desenvolver seu trabalho.

Setor dependente

O professor João Batista Calixto, da Coordenadoria Especial de Farmacologia da UFSC, que está liderando a estruturação do Centro de Referência em Farmacologia Pré-Clínica, no Sapiens Parque, em Florianópolis, questionou a dependência brasileira da indústria estrangeira de medicamentos, porque não domina a cadeia produtiva neste segmento. "O Brasil depende 100% da importação nesta área, porque as patentes são concentradas em praticamente cinco países do mundo", disse ele. "Investir alto é prioritário nos países desenvolvidos, porque o mercado de medicamentos movimenta US\$ 800 bilhões por ano".

O monopólio das patentes de medicamentos não é apenas uma estratégia econômica, mas também política, dos países desenvolvidos. "Dez empresas concentram praticamente todo o mercado mundial do setor", lembra. Por aqui, há 250 empresas trabalhando na área, mas elas vêm sendo incorporadas pelas multinacionais de remédios. Outra distorção é que 15% da população respondem pela metade dos R\$ 12 bilhões que movimenta o mercado brasileiro. "Por isso, a tendência é o aumento no preço dos medicamentos consumidos por portadores de doenças crônicas", alertou o professor Calixto.

Inscrições abertas para o Prêmio Professor Caspar Erich Stemmer da Inovação Catarinense

Estão abertas as inscrições para o Prêmio Professor Caspar Erich Stemmer da Inovação Catarinense – edição 2009. O concurso é uma iniciativa da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica de Santa Catarina (Fapesc). Contempla pessoas físicas, empresas ou instituições de ciência e tecnologia, públicas ou privadas, com sede ou filial no Estado, e que introduziram novidades ou aperfeiçoamentos no ambiente

produtivo ou social, nos anos de 2007, 2008 e 2009. As inscrições vão até o dia 8 de fevereiro de 2010.

As inovações a serem apresentadas devem referir-se a produtos, processos, gestão e mercado. Os candidatos podem se inscrever nas seguintes categorias: pessoa física protagonista da inovação, empresa inovadora, instituição inovadora e instituição de ciência, tecnologia e inovação. Nas três

primeiras, os prêmios irão de R\$ 5 mil a R\$ 15 mil, e na quarta categoria a premiação será de R\$ 25 mil e R\$ 20 mil, para o primeiro e segundo colocados, respectivamente.

As inscrições devem ser feitas no site www.fapesc.sc.gov.br, onde também será disponibilizado o edital com detalhes sobre o prêmio. Os interessados podem obter mais informações pelo fone (48) 3215-1200.

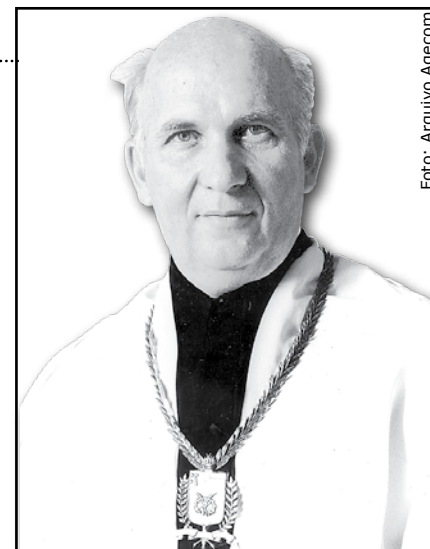


Foto: Arquivo Agecom

Quase meio século de conhecimento

UFSC comemora 49 anos somando 11 centros de ensino, pesquisa e extensão, laboratórios, bibliotecas, editora, fórum, centro esportivo, centro de cultura e eventos, museu, planetário, observatório astronômico e farmácia-escola e hospital

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Criada em 1960, a partir da integração das faculdades de Direito, Filosofia, Ciências Econômicas, Farmácia e Odontologia, Medicina e Serviço Social, a Universidade Federal de Santa Catarina é hoje uma das principais instituições públicas de ensino superior do país. E o momento não poderia ser mais promissor, porque o número de cursos subiu de menos de 60 para mais de 80 nos últimos anos, a interiorização se consolidou com a criação dos campi de Joinville, Curitiba e Araranguá e já passou de 3 mil o número de projetos em andamento só na área de extensão na Universidade. Agora, o *Guia do Estudante* da editora Abril colocou a UFSC como a sétima melhor instituição superior pública do Brasil, à frente da Unicamp, Universidade Federal do Paraná e Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Atualmente, sua sede em Florianópolis está organizada em 11 centros de ensino, pesquisa e extensão, com infraestrutura que inclui dezenas de laboratórios, bibliotecas, editora, fórum, centro esportivo, centro de cultura e eventos, museu, planetário, observatório astronômico e farmácia-escola. O Hospital Universitário, referência para o

Sistema Único de Saúde, proporciona atendimento em diversas áreas a pacientes de todo o Estado de Santa Catarina.

Destacam-se ainda o intercâmbio de pesquisadores e estudantes com instituições de mais de 20 países, o Programa de Ações Afirmativas, que amplia o acesso ao ensino superior público e a inclusão social, o fato de 90% do corpo docente ser constituído de doutores e o desenvolvimento de importantes projetos e iniciativas que permitem o estímulo à agricultura familiar, a assistência jurídica a pessoas de menor poder aquisitivo, a formação de professores em pequenos municípios, a educação indígena e o apoio a grupos de terceira idade.

Atualmente, a UFSC conta com 1.552 docentes, 56 cursos de mestrado e 42 de doutorado, 1.882 linhas de pesquisa, 823 artigos publicados em revistas internacionais e 480 bolsistas de iniciação científica. Além disso, tem em seus cursos e laboratórios 2.862 pesquisadores e 3.691 alunos matriculados no mestrado e 2.197 no doutorado.

Estas e outras ações colocam a Universidade Federal de Santa Catarina em um papel estratégico na formação de recursos humanos e no desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico.



Foto: Cláudia Reis

Nos últimos anos, o número de cursos disparou de menos de 60 para mais de 80

Reconhecimento aos Amigos da UFSC

Foto: Jones Bastos



O Prêmio Amigo da UFSC teve 18 indicações de técnicos e docentes, que foram analisados por uma comissão composta de representantes de todos os centros de ensino, pró-reitorias, secretarias, HU e gabinete do reitor; em 2008 (foto) foi organizada a primeira edição do Prêmio

Os professores Lucia Hisako Takase Gonçalves (do Centro de Ciências da Saúde), José Arno Scheidt (Centro de Comunicação e Expressão) e Marize Amorim Lopes (Centro de Desportos) e os servidores técnico-administrativos Luiz Carlos Podestá (Departamento de Administração Escolar), Salete Virgínia de Souza Sakae (Hospital Universitário) e Soni Silva (Departamento de Cultura e Eventos) foram escolhidos como os Amigos da UFSC 2009, em avaliação realizada no dia 9 de dezembro na Universidade. Eles receberão a medalha de premiação no dia 18, quando a instituição vai homenagear, além deles, os aposentados deste ano, em solenidade marcada para às 19h30 no Centro de Cultura e Eventos, no campus da Trindade.

Além deles, a comissão deu o Prêmio Amigo da UFSC para a Receita Federal de Santa Catarina, a Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis e o Ministério da Pesca e Aquicultura. A decisão de premiar organizações externas à UFSC é uma forma de reconhecer o esforço de parceiros que viabilizaram ações que melhoraram as condições de trabalho ou os serviços prestados à comunidade. No caso da Receita, ocorre a doação periódica de produtos apreendidos à Associação de Amigos do HU e à própria instituição, para uso nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. A Secretaria da Saúde tem um antigo trabalho de parceria com a UFSC, enquanto o Ministério da Pesca proporciona acordos e intercâmbios de cooperação tecnológica importantes para a Universidade, especialmente no Centro de Ciências Agrárias.

A professora Lúcia Hisako Takase Gonçalves atua desde 1977 na UFSC, onde criou o primeiro grupo de pesquisa no Departamento de Enfermagem e coordenou vários projetos, sobretudo na linha da atenção ao idoso. José Arno Scheidt é professor desde a década de 70 e já coordenou estágios do curso de Design, mostrando-se um incansável defensor dos alunos, fazendo valer as garantias institucionais para o reconhecimento desta prática profissional. E Marize Amorim Lopes, na Universidade há 30 anos, concentra sua atuação no Núcleo de Estudos da Terceira Idade. Seu trabalho com o idoso extrapola os limites da instituição, sendo reconhecida internacionalmente.

Entre os técnico-administrativos, Salete Virgínia de

Souza Sakae figura como pioneira no serviço de enfermagem do HU, tendo sido a primeira profissional do ramo contratada no hospital, no início dos anos 80. Sua preocupação em humanizar e fortalecer a relação entre paciente e hospital pesou na escolha da comissão. Luiz Carlos Podestá tem 30 anos no DAE e destaca-se como um servidor com notório conhecimento sobre administração escolar. Por sua vez, Soni Silva é uma servidora admirada pela sua postura profissional, dedicação e comprometimento com as atividades que exerce no Departamento de Eventos, onde, entre outras ações, participou do processo de democratização das solenidades de colação de grau dos cursos de graduação da UFSC.

O Prêmio Amigo da UFSC teve 18 indicações de técnicos e docentes, que foram analisados por uma comissão composta de representantes de todos os centros de ensino, pró-reitorias, secretarias, HU e gabinete do reitor.

Além da premiação dos Amigos da UFSC, a noite de 18 de dezembro terá uma homenagem aos servidores que se aposentaram em 2009. A programação prevê ainda o lançamento do selo comemorativo aos 50 anos da UFSC, desenvolvido pela Agecom, com a participação dos Correios, que aproveitarão a oportunidade para realizar uma exposição filatélica no local. Um show do grupo musical paulista Demônios da Garoa, um dos mais antigos e ativos conjuntos de música brasileira, que gravou sucessos de Adoniran Barbosa como "Saudosa maloca", "Trem das onze" e "Samba do Arnesto", fecha o evento.

Antes disso, no dia 16, às 16h, será assinada na reitoria a resolução de diretoria da Federação Catarinense de Futebol (FCF) que denominará **Taça UFSC 50 Anos** o troféu a ser entregue ao campeão do primeiro turno do Campeonato Catarinense de 2010. Na oportunidade, será apresentado oficialmente o troféu, na presença do reitor Alvaro Toubes Prata, do presidente da FCF, Delfim de Pádua Peixoto Filho, de pró-reitores da Universidade e da imprensa esportiva catarinense. A taça foi desenvolvida por alunos do curso de Design da UFSC, orientados pelo professor Milton Vieira e pelo diretor do Departamento de Cultura e Eventos, Luiz Roberto Barbosa.

Oferta recorde: UFSC abre mais de 6 mil vagas

Entre 19 e 21 de dezembro a instituição realiza um de seus maiores concursos, oferecendo 82 opções de cursos e habilitações

Arley Reis

Jornalista na Agecom

Com a oferta de 6.021 vagas em mais de 80 cursos e habilitações, para os campi de Florianópolis, Joinville, Curitiba e Araranguá, a UFSC realiza nos dias 19, 20 e 21 de dezembro um de seus maiores vestibulares. Estão inscritos no concurso 32.554 estudantes - no Vestibular UFSC/2009 foram 30.854 candidatos para 4.581 vagas. Não é o maior número de inscritos (em 2005 foram 41.322), mas em relação ao último concurso, realizado no final de 2008, os dados mostram aumento de 31,4% nas vagas oferecidas e de 5,5% na quantidade de inscritos.

O número de cursos também cresceu consideravelmente: no ano passado eram 70. No Vestibular UFSC/2010 há 82 opções de graduações e habilitações, incluindo novas áreas como Geologia, Arquivologia, Engenharia de Mobilidade e Ciências Rurais, entre outras.

O Vestibular UFSC/2010 será realizado em 13 cidades de Santa Catarina: Florianópolis, Araranguá, Blumenau, Camboriú, Canoinhas, Chapecó, Criciúma, Curitiba, Itajaí, Joaçaba, Joinville, Lages e Tubarão. Mais de 20 mil estudantes (61,73%) farão as provas na Grande Florianópolis.

As provas acontecem entre 14h e 18h, mas os portões serão fechados às 13h45min. A Coperve recomenda que os inscritos cheguem com pelo menos 30 minutos de antecedência, para localizar com tranquilidade os setores em que farão o vestibular.

Os alunos devem também ficar atentos aos documentos que precisam ser apresentados: original do documento de Identidade, cujo número foi informado no Requerimento de Inscrição, e a Confirmação de Inscrição, com foto 5x7 datada do ano de 2009.

O estudante que não apresentar o original do Documento de Identidade informado no Requerimento de Inscrição, por motivo de perda, roubo ou extravio, deverá apresentar boletim de ocorrência emitido por autoridade policial competente, expedido há no máximo 90 dias. Candidatos sabatistas receberam orientações especiais.

Cuidado com eletrônicos - A Coperve também chama atenção para a proibição do uso de eletrônicos. Durante as provas não é permitido o uso de relógio, boné, óculos escuros, calculadora, telefone celular, MP3, MP4, MP5-player, ipod ou qualquer tipo de aparelho do gênero. No caso de optar por levar algum destes itens ao local de prova, o estudante deverá entregar o equipamento para ser guardado pelo fiscal de sala. A prova deverá ser feita com caneta esferográfica de tinta preta ou azul, preferencialmente fabricada em material transparente.

Gabaritos e abstenções - O índice de abstenções será divulgado diariamente pela Coperve, a partir de 19h30. O gabarito de todas as provas será divulgado apenas no dia seguinte à finalização do concurso - portanto, na terça-feira, dia 22/12, a partir de 9h. As respostas serão disponibilizadas no site www.vestibular2009.ufsc.br.

Foto: James Tavares



Este ano serão 32.554 candidatos disputando as 4.581 vagas; cursos como os de Geologia, Arquivologia e Ciências Rurais estreiam no concurso

Provas

Prova 1: 19 de dezembro, das 14h às 18h
questões de proposições múltiplas e/ou abertas

Língua Portuguesa e Literatura Brasileira: 12 questões; Língua Estrangeira: 8 questões; Matemática e Biologia: 10 questões cada uma. **Total: 40 questões**

Prova 2: 20 de dezembro, das 14h às 18h
questões de proposições múltiplas e/ou abertas

História, Geografia, Física e Química: 10 questões cada uma. **Total: 40 questões**

Prova 3: 21 de dezembro, das 14h às 18h
Redação e 6 questões discursivas.

A UFSC e o Enem:

A UFSC vai adotar a nota da prova objetiva do Novo Exame Nacional do Ensino Médio (Novo Enem) como percentual de 20% no Vestibular 2010. Para compor sua nota do concurso com o Novo Enem o candidato fez esta opção no momento de inscrição. Mas, de acordo com a Coperve, esta nota será considerada somente se for divulgada até o dia 8 de fevereiro. Depois, por uma questão de calendário, a avaliação será desconsiderada e valerá apenas a nota do vestibular. O Enem também será desprezado nos casos em que prejudicar o candidato.

A Coperve alerta ainda que a pontuação do Novo Enem que será adotada é somente a da prova objetiva. Com relação à redação, o estudante continuará sendo avaliado no vestibular pela própria UFSC. O Novo Enem será usado também na classificação para vagas remanescentes.

Ações Afirmativas:

O Programa de Ações Afirmativas da UFSC estabelece 20% das vagas de cada curso para candidatos que tenham cursado integralmente o ensino fundamental e médio em instituições públicas de ensino. Além disso, 10% serão destinadas para candidatos autodeclarados negros, que tenham também cursado integralmente o ensino fundamental e médio em instituições públicas de ensino. Caso não sejam preenchidas dentro desse requisito, as vagas destinadas a candidatos autodeclarados negros poderão ser preenchidas por estudantes que tiveram outra trajetória acadêmica. No Vestibular UFSC/2010, sete vagas serão destinadas para candidatos autodeclarados indígenas.

Relação candidato/vaga

Índice geral

Medicina: 59.81
Arquitetura e Urbanismo: 14.85
Engenharia Química: 13.66
Direito - Diurno: 13.49
Direito - Noturno: 12.30
Engenharia Civil: 11.31
Engenharia Mecânica: 11.25
Oceanografia: 10.97
Relações Internacionais: 9.93
Jornalismo: 9.58

Dez cursos
mais con-
corridos no
Vestibular
UFSC/2010

Candidatos que não optaram pelo Programa de Ações Afirmativas

Medicina: 71.19
Arquitetura e Urbanismo: 16.89
Engenharia Química: 15.77
Direito - Diurno: 15,87
Direito - Noturno: 12.63
Engenharia Civil: 12.56
Engenharia Mecânica: 13.09
Oceanografia: 12.33
Relações Internacionais: 11.70
Jornalismo: 10.64

Candidatos de escolas públicas

Medicina: 43.35
Arquitetura e Urbanismo: 14.13
Engenharia Química: 11.60
Direito - Diurno: 9.78
Direito - Noturno: 14.67
Engenharia Civil: 11.86
Engenharia Mecânica: 9.82
Oceanografia: 10.67
Relações Internacionais: 7.75
Jornalismo: 9.75

Candidatos negros

Medicina: 12.80
Arquitetura e Urbanismo: 2.00
Engenharia Química: 3.00
Direito - Diurno: 4.22
Direito - Noturno: 5.22
Engenharia Civil: 1.45
Engenharia Mecânica: 1.18
Oceanografia: 2.00
Relações Internacionais: 1.88
Jornalismo: 1.83

Guia do Estudante aponta a UFSC como a sétima melhor universidade pública do País

Dos 39 cursos avaliados, 18 obtiveram cinco estrelas, 20 conseguiram quatro e um obteve três estrelas

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

A Universidade Federal de Santa Catarina ficou em sétimo lugar no ranking das melhores instituições públicas de ensino superior do país, publicado pelo *Guia do Estudante* da editora Abril. Dos 39 cursos da UFSC que foram avaliados, 18 obtiveram cinco estrelas, 20 levaram quatro e um obteve três estrelas. Com índice 65.82, a Universidade ficou à frente de instituições respeitadas como a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Os cursos em que a UFSC obteve a pontuação máxima, com cinco estrelas, são Arquitetura e Urbanismo, Ciências Econômicas,

Ciências Sociais, Direito, Enfermagem, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Controle e Automação, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia de Produção, Física, História, Jornalismo, Medicina, Odontologia, Pedagogia, Química e Serviço Social.

Com quatro estrelas, aparecem Administração, Agronomia, Biblioteconomia, Ciência da Computação, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Desenho Industrial, Educação Física, Engenharia de Aquicultura, Engenharia Civil, Engenharia de Materiais, Engenharia Química, Engenharia Sanitária, Farmácia, Filosofia, Geografia, Letras, Matemática, Nutrição e Psicologia. O curso Sistemas de Informação obteve três estrelas na avaliação.

Na área de Engenharia e Produção, a UFSC ficou em terceiro lugar entre as universidades públicas, atrás apenas da Universi-

dade de São Paulo (USP) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Exemplos de excelência – O levantamento realizado pelo *Guia do Estudante* leva em conta a necessidade que têm os vestibulandos de escolher entre as melhores alternativas oferecidas por 1.991 instituições públicas, privadas e comunitárias em todo o país, superando a marca de 24 mil cursos. Neste ano, 3.551 cursos superiores receberam estrelas: 1.999 foram considerados bons (três estrelas), 1.148 ficaram entre os muito bons (quatro) e 404 fizeram jus ao conceito excelente (cinco estrelas). Esse conjunto de opções – oferecido por 570 das 1.332 instituições consideradas na pesquisa – representa 37,9% dos 9.371 cursos presenciais avaliados.

Foram analisados cursos de 116 áreas, sendo que mais de 68% dos que foram

estrelados encontram-se nas regiões sudeste (41,4%) e sul (26,9%). A rede privada responde por 49,7% dos cursos que obtiveram de três a cinco estrelas, e a rede pública – incluindo as universidades federais (31,6%), estaduais (16%) e municipais (2,7%) – ficou com 50,3%.

Os mais de 9 mil cursos foram avaliados por 2.010 pareceristas. No editorial do *Guia*, a editora Abril explica a motivação da pesquisa e sua preocupação em facilitar as escolhas dos estudantes: "Ao apontar os destaques do ensino superior brasileiro, tanto na avaliação de cursos quanto na premiação das escolas, além de oferecer um serviço para ajudá-lo no seu percurso rumo à vida adulta e profissional, nosso objetivo também é mostrar os exemplos de excelência a fim de estimular caminhos semelhantes nas demais escolas".

As melhores escolas

1º Universidade de São Paulo (USP)
Cursos avaliados: 104
Cursos estrelados: 102
5 estrelas: 60
4 estrelas: 36
3 estrelas: 6
Resultado: 93.89

4º Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Cursos avaliados: 50
Cursos estrelados: 50
5 estrelas: 17
4 estrelas: 26
3 estrelas: 7
Resultado: 68.10

7º Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Cursos avaliados: 39

Cursos estrelados: 39

5 estrelas: 18

4 estrelas: 20

3 estrelas: 1

Resultado: 65.82

8º Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Cursos avaliados: 33
Cursos estrelados: 33
5 estrelas: 23
4 estrelas: 8
3 estrelas: 2
Resultado: 65.32

2º Universidade Estadual Paulista (Unesp)
Cursos avaliados: 100
Cursos estrelados: 92
5 estrelas: 24
4 estrelas: 43
3 estrelas: 25
Resultado: 81.93

5º Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Cursos avaliados: 49
Cursos estrelados: 48
5 estrelas: 18
4 estrelas: 24
3 estrelas: 6
Resultado: 66.77

9º Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Cursos avaliados: 48
Cursos estrelados: 46
5 estrelas: 14
4 estrelas: 25
3 estrelas: 7
Resultado: 63.92

3º Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Cursos avaliados: 49
Cursos estrelados: 49
5 estrelas: 23
4 estrelas: 23
3 estrelas: 3
Resultado: 69.95

6º Universidade de Brasília (UnB)
Cursos avaliados: 45
Cursos estrelados: 45
5 estrelas: 13
4 estrelas: 28
3 estrelas: 4
Resultado: 65.87

10º Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Cursos avaliados: 48
Cursos estrelados: 46
5 estrelas: 7
4 estrelas: 26
3 estrelas: 13
Resultado: 60.97

Fonte: Guia do Estudante



UFSC é a mais lembrada no segmento Ensino Universitário

UFSC é ouro na pesquisa do Ibope

Moacir Loth
Jornalista na Agecom

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é a marca mais lembrada no segmento Ensino Universitário. A instituição conquistou o Ouro na Pesquisa Ímpar 2009, realizada pelo IBOPE Inteligência, em parceria com o Grupo RIC (Rede Independência de Comunicação). Os certificados, abarcando 43 categorias, foram entregues no dia 18 de novembro, em concorrida solenidade no Auditório da Federação das Indústrias do Estado de SC (Fiesc).

Em franca expansão e interiorização,

a UFSC venceu na região e em nível estadual. O reitor Alvaro Prata foi representado pela direção da Agência de Comunicação (Agecom). Para ele, a premiação é um reconhecimento à qualidade e ao trabalho desenvolvido ao longo de quase 50 anos pela Universidade no Estado e no País. "A distinção legitima a atuação de uma instituição presente e cada vez mais inserida na sociedade". Ele lembra, neste sentido, a criação de novos cursos, a ampliação de vagas, as ações afirmativas e a criação dos campi de Joinville, Curitiba e Araranguá, além do apoio à implantação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

A solenidade contou com a presença de secretários de Estado, empresários, representantes de entidades e prefeitos de vários municípios catarinenses. A coordenação coube ao proprietário da RIC, Mário José Gonzaga Petrelli. Na edição do dia 28 de novembro, o jornal *Notícias do Dia* divulgou caderno especial contendo os resultados da Pesquisa Ímpar.

No dia 7 de dezembro a direção da RIC visitou o reitor Alvaro Prata para apresentar os produtos do grupo de comunicação em SC. A empresa aproveitou para detalhar a pesquisa Ímpar 2009 e, paralelamente, propôs projetos de parceria com a UFSC.

Para mudar a realidade do sertão brasileiro

Projeto Água fonte de alimento e renda: uma alternativa para o semiárido, resultado de parceria entre a Certi e a UFCG, foi um dos vencedores do Prêmio von Martius de Sustentabilidade



Hidroponia: plantas que crescem em calhas são alternativa para clima seco

Erich Casagrande

Bolsista de Jornalismo na Agecom

Um dos problemas do semiárido brasileiro é conseguir aproveitar a água salobra escondida nos lençóis freáticos do solo quase desértico. Uma solução apresentada pela UFSC, desenvolvida em parceria com a Fundação Centro de Referência em Tecnologia de Inovação (Certi) e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), é a vencedora da categoria Tecnologia no Prêmio von Martius de Sustentabilidade. O projeto *Água fonte de alimento e renda: uma alternativa para o semi-árido* foi também o único no concurso a receber menção honrosa.

A proposta foi implantada há dois anos na comunidade Uruçu, no município de São João do Cariri, na Paraíba, para desenvolver medidas sustentáveis de reutilização da água salobra extraída dos lençóis freáticos. A solução apresentada para o problema do sertão é direcionar o rejeito do processo de dessalinização, que consiste em transformar a água subterrânea em potável, para atividades que possam gerar sustento alimentar e renda para os moradores da região.

Para dar destino ao rejeito, o projeto conduziu a implantação de três unidades produtivas. O Laboratório de Biotecnologia de Alimentos da UFSC desenvolveu a possibilidade de cultivo da alga

Spirulina. O Laboratório de Hidroponia da UFSC orientou o cultivo e produtos hidropônicos. E há ainda a proposta de criação de peixes (tilápias), que assim como os demais produtos podem ser consumidos e comercializados.

A Spirulina é uma das primeiras formas de vida da terra, adaptada a ambientes inorgânicos altamente salinos. Essa espécie de alga possui grande quantidade de proteínas, sendo até duas vezes mais nutritiva que a soja. Desde a década de 80 o Laboratório de Biotecnologia de Alimentos da UFSC, coordenado pelo professor Ernani Sant'Anna, estuda a espécie, que pela primeira vez poderá ser produzida em escala comercial no Brasil. A alga possui grande valor comercial, pois é usada na fabricação de fármacos e como suplemento alimentar. "Vamos buscar um produto de alto grau de pureza, pois será consumido por seres humanos como alimento funcional", explica o professor.

No caso da hidroponia, dentro de estufas as plantas são dispostas em calhas onde passa o composto cheio de sais minerais que nutre os vegetais. A unidade produtiva permitirá uma alternativa de renda que não depende de condições climáticas como sol e chuva. A água salobra não aproveitada nestas atividades vai para o cultivo de tilápias. A população da comunidade de Uruçu já está sendo instruída para gerir por conta própria todas as atividades.

Livro dá visibilidade aos grupos de pesquisa

A edição, que está também disponível na internet, reúne os mais de 400 grupos de pesquisa da Universidade registrados no Censo 2008 do CNPq

Arley Reis

Jornalista da Agecom

De acordo com o Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, a UFSC é a oitava instituição do Brasil com o maior número de equipes envolvidas no desenvolvimento científico e tecnológico nacional. São 422 grupos, 1.662 linhas de pesquisa, 2.862 pesquisadores, mais de 4 mil acadêmicos de graduação e de pós-graduação envolvidos em estudos.

Para dar visibilidade às equipes, facilitar o acesso a estes grupos por outros pesquisadores, órgãos de fomento e pela mídia, entre outros setores, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da UFSC publicou um livro. A edição, que está também disponível na internet, reúne os mais de 400 grupos de pesquisa da UFSC registrados no Censo 2008 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), organizados por área de conhecimento.

São listadas as equipes com seus dados gerais (incluindo sites e telefones), os nomes dos pesquisadores, estudantes e técnicos envolvidos, além de linhas de pesquisa. A publicação traz ainda um breve relato da repercussão dos trabalhos. São apresentadas também tabelas com informações sobre a produção científica, técnica e artística da UFSC no período 1998 - 2008.

"A UFSC está entre as dez instituições nacionais com maior número de grupos de pesquisa, o que reflete a forte política de formação de recursos humanos implantada na última década em todas as suas áreas de

atuação, bem como o importante papel que a pesquisa científica e tecnológica ocupa no cotidiano acadêmico.", destacam o reitor da UFSC, professor Alvaro Toubes Prata, e a pró-reitora de Pesquisa e Extensão da Universidade, professora Débora Peres Menezes.

"Um aspecto notável da evolução da produção intelectual da UFSC nos últimos anos é que, ao mesmo tempo em que a contagem total da produção bibliográfica atingiu um máximo entre 2005 e 2006, tendendo a se estabelecer como reflexo da maturidade da instituição, o número de publicações internacionais indexadas pelo *ISI Web of Knowledge* vem crescendo ano a ano", complementa a pró-reitora. Segundo ela, o índice reflete o aumento na qualidade da produção científica e tecnológica da UFSC, acompanhado por um contínuo aumento no nível de impacto desta produção e que se traduz pela citação dos trabalhos dos pesquisadores pela comunidade científica internacional.

A coordenação geral dos trabalhos para organização da obra ficou a cargo do professor Ricardo Rütther, Diretor do Núcleo de Apoio e Acompanhamento da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão, com colaboração do mestrando Alexandre de A. Montenegro.

Mais informações: professora Débora Peres Menezes, pró-reitora de Pesquisa e Extensão - fone: 3721-9716, e-mail: debora@reitoria.ufsc.br e professor Ricardo Rütther, diretor do Núcleo de Apoio e Acompanhamento - fone: 3721-9846, e-mail: ruther@mbox1.ufsc.br.

Grupos de Pesquisa da UFSC por área de conhecimento

Ciências Agrárias: 25

Ciências Biológicas: 33

Ciências da Saúde: 50

Ciências Exatas e da Terra: 38

Ciências Humanas: 82

Ciências Sociais Aplicadas: 68

Engenharias: 98

Linguística, Letras e Artes: 28

Total : 422

Dez instituições com maior número de grupos de pesquisa no Brasil:

1. USP - 1.839

2. UFRJ - 822

3. UNESP - 800

4. UNICAMP - 706

5. UFMG - 630

6. UFRGS - 625

7. UFPE - 464

8. UFSC - 422

9. UFBA - 406

10. UEL - 384

Prêmio von Martius de Sustentabilidade

Promovido pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, é organizado em três categorias: Humanidade, Tecnologia e Natureza. Reconhece iniciativas que promovam o desenvolvimento econômico, social e cultural alinhado com o conceito de desenvolvimento sustentável. Tem apoio do Ministério do Meio Ambiente, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, da WWF-Brasil, entre outras instituições. Este ano a Câmara Brasil-Alemanha recebeu a inscrição de 166 trabalhos.

Palmas do Scopus

Professor Rosendo Augusto Yunes é reconhecido com Prêmio Scopus 2009

Natália Izidoro

Bolsista de Jornalismo na Agecom

O universo teve origem há aproximadamente 15 bilhões de anos. Apareceu com o tamanho de um átomo e foi expandindo. "A questão é que a evolução do universo foi realizada de tal forma para permitir a vida em nosso planeta. Pequenas mudanças da velocidade de expansão, por exemplo, para mais ou para menos, não permitiriam o surgimento da vida", explica Rosendo Augusto Yunes, pesquisador sênior da UFSC junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

De onde viemos?



A obra concilia a ideia de Deus e a teoria da evolução

Em 1995, o estudioso lançou pela Editora da UFSC (EdUFSC) o livro *A organização da matéria: acaso ou informação*, onde expõe suas considerações e sua visão sobre um assunto que sempre motivou a reflexão de cientistas, filósofos e teólogos. Com base em sua experiência, defende que a origem e evolução do Universo e da vida não podem ser explicadas como produtos do determinismo e do acaso. Em uma abordagem científico-filosófica, expõe pontos de vista, especulações e fatos relacionados à organização da matéria e enfatiza sua posição teísta, que busca conciliar a ideia de Deus e a teoria da evolução.

Em setembro deste ano o professor, argentino naturalizado brasileiro, foi agraciado com o Prêmio Scopus 2009, uma iniciativa da editora Elsevier em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – reconhecimento concedido a pesquisadores que apresentam produção científica de alto destaque e excelência retratada na base mais ampla de resumos e citações da literatura científica mundial.

Rosendo Augusto Yunes

Yunes possui graduação e doutorado em Química pela Universidade Del Litoral, da Argentina, e pós-doutorado pela Indiana University, dos Estados Unidos. Já recebeu diversos outros reconhecimentos. Obteve a Medalha João David Ferreira Lima na Câmara Municipal de Florianópolis, em 2008; prêmio do Curso de Farmácia da Universidade do Vale do Itajaí, em 2003; da Pós-Graduação em Química da UFSC, em 1996; e o prêmio do Conselho Regional de Química, por sua contribuição à Química Fina, em 1998. Tem também o título de Huésped Oficial, da Universidad Nacional Del Litoral.

Depois de trabalhar como bolsista do Conicet (CNPq argentino), Rosendo Yunes ingressou na docência universitária em 1962 com uma função equivalente a monitor da Universidade Del Litoral e, por concurso, ganhou o cargo de professor adjunto em 1965. Em 1971, foi professor visitante no Instituto de Química da Universidade de São Paulo e, em 1974, ganhou o concurso

para professor titular.

Neste mesmo ano, foi nominado Secretário de Assuntos Acadêmicos e, no ano seguinte, foi aos Estados Unidos para trabalhar na Indiana University como professor visitante, realizando seu pós-doutorado. Mais tarde trabalhou na área da química medicinal junto a Central de Medicamentos (CEME) como professor visitante na UFSC. Foi coordenador do curso de Pós-Graduação em Química entre 1984 e 1986 e entre 1989 e 1992. Por problemas cardíacos, foi aposentado em 30 de dezembro de 1998 e, até 2001, foi professor voluntário na UFSC e, depois, na Universidade do Vale do Itajaí (Univali).

Tem centenas de artigos publicados, cerca de 400 resumos em anais de congressos e diversas produções técnicas. Continua a colaboração com professores da UFSC e como pesquisador sênior do CNPq, desenvolvendo trabalhos na área da química medicinal – especialmente com doenças negligenciadas como leishmaniose, tuberculose, chagas e malária.



Foto: Wanderley Pessoa

Paraná é presidente da Associação Brasileira de Hospitais Universitários e de Ensino

Mara Paiva

Jornalista na Agecom

Mandato do vice-reitor como presidente da Abrahue vai até 2011

O professor Carlos Alberto Justo da Silva (Paraná), vice-reitor da UFSC, foi eleito presidente da Associação Brasileira de Hospitais Universitários e de Ensino (Abrahue), mandato 2009/2011.

A eleição ocorreu em Assembleia Geral Ordinária, durante o III Congresso Brasileiro de Hospitais e de Ensino,

realizado em Belo Horizonte (MG), no dia 26/11.

Além de Carlos Alberto, a nova diretoria é composta por Francisco Eugênio Alves da Silva, Vice-Presidente das Estaduais; José Roberto Ferraro, Vice-Presidente das Federais; Júlio Francisco Dornelles Matos, vice-presidente das filantrópicas, e José Garcia Neto, José Ricardo Lagreca de Sales Cabral, Antonio Carlos Forte, Milton Roberto Laprega e Amâncio Paulino de Carvalho, como diretores titulares.

Da UFSC para o Mundo

Academia de Ciências para o Mundo em Desenvolvimento elege Faruk

Arley Reis

Jornalista na Agecom

Integrante da Academia Brasileira de Ciências desde 2001, o professor do Departamento de Química da UFSC, Faruk Jose Nome Aguilera, foi eleito para compor também a Academia de Ciências para o Mundo em Desenvolvimento (TWAS).

A TWAS é uma organização internacional fundada em 1983 na Itália. Considerada uma das mais importantes entidades associadas à Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), sua missão é promover o desenvolvimento da ciência e da tecnologia nos países em desenvolvimento. Reúne em seus quadros os melhores cientistas de países como Índia, Brasil, China e África do Sul, entre outros.

O número total de membros da TWAS agora chega a 950. O anúncio de 50 novos integrantes, entre eles sete brasileiros, foi realizado no mês de outubro, na África do Sul, durante a 11ª Conferência Geral e 20ª Reunião Geral da Academia de Ciências para o Mundo em Desenvolvimento (TWAS).

Este ano o evento foi organizado pela Academia de Ciências e Tecnologia da África do Sul e apoiado pelo Departamento da África do Sul de Ciência e Tecnologia. A conferência de quatro dias atraiu 400 cientistas de 60 países, sendo uma das maiores já realizadas pela Academia.

De três em três anos, em conjunto com uma reunião geral dos seus membros, a TWAS convoca uma conferência



Foto: Jones Bastos

Faruk é um dos sete brasileiros que integraram neste ano a TWAS

geral de um país em desenvolvimento para rever a situação e as perspectivas futuras da ciência e da tecnologia em várias regiões do sul. Conferências já foram organizadas na China (1987 e 2003), Venezuela (1990), Kuwait (1992), Nigéria (1995), Brasil (1997 e 2006), Senegal (1999) e Índia (2002).

Membros da TWAS, os ministros da Ciência e Tecnologia, presidentes das academias de ciências e os conselhos de investigação, bem como representantes de organizações internacionais são convidados a assistir às conferências. O presidente da entidade é o matemático Jacob Palis, também presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC).

Café filosófico, extensão da Sepex

Evento instiga o raciocínio a partir da arte e conquista lugar no calendário cultural da cidade

Após imprimir um brilho especial à 8ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepex), a cultura não perdeu o ritmo e emendou a sua agenda de atividades com o II Café Filosófico, que mobilizou a comunidade universitária e a cidade em torno de filósofos, cineastas, estudantes, professores, agitadores culturais e similares.

Novamente bem divulgado e organizado, o Café Filosófico centralizou, no período de 3 a 5 de novembro, a maior parte da sua programação no Teatro da Igreja da UFSC. Consistiu basicamente

de palestras, debates, exibição de filmes e mesas redondas. Um dos destaques do evento foi a conferência inaugural com o professor de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), Sandro Calheiros de Moura, que dissecou o filme "Medéia", de Píer Paulo Pasolini. O leque de opções mostrou-se plural, incluindo, por exemplo, filmes do iraniano Abbas Kiarostami, do neo-zelandês Andrew Niccol e do russo Alexander Sokurov.

O II Café Filosófico fechou com a exibição do premiado documentário

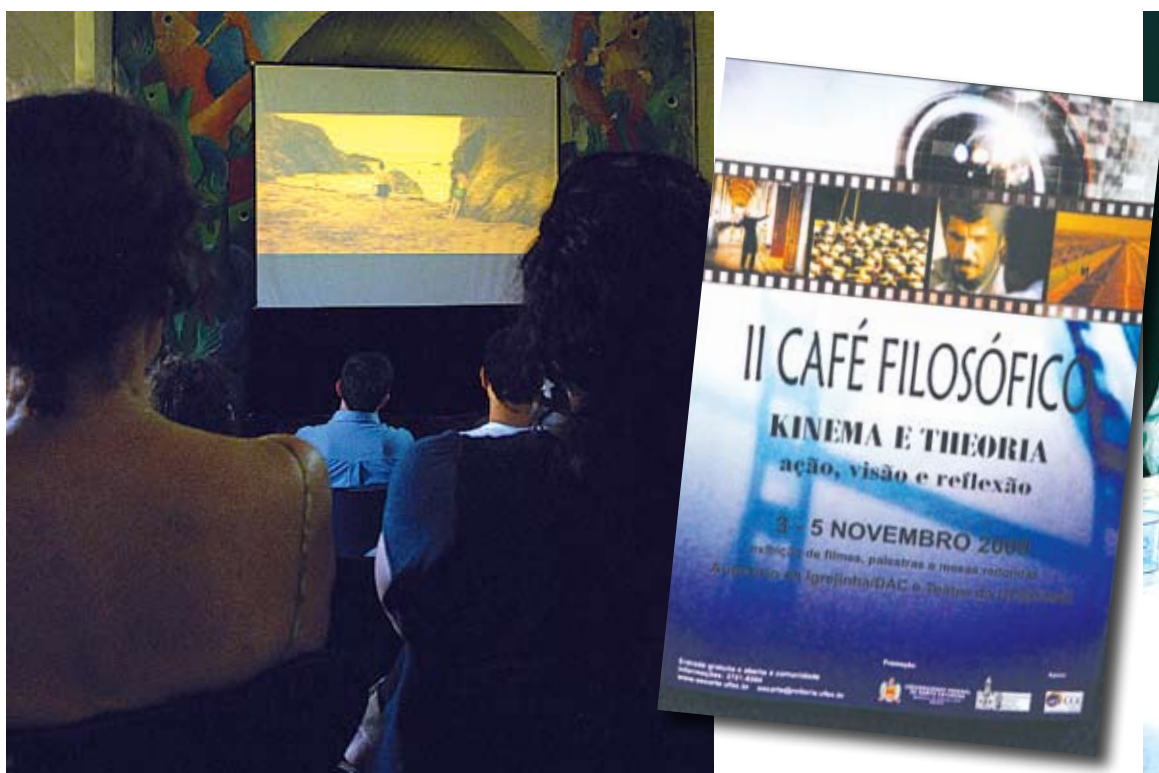
"Janela da Alma", dos cineastas João Jardim e Walter Cavalho. Apresentando uma discussão poética sobre a visão, o filme alimentou a reflexão da mesa-redonda sobre a Teoria da Imagem.

O Café Filosófico, apoiado pelo Centro de Comunicação e Expressão (CCE) e organizado pela Secretaria de Cultura e Arte (SecArte) e Departamento Artístico-Cultural (DAC), atraiu público expressivo, conquistando, por isso, segundo a pró-reitora Maria de Lourdes Borges, um espaço definitivo no calendário cultural da UFSC e de

Florianópolis.

Não só isso: atingiu o seu objetivo ao instigar o raciocínio a partir da arte. Afinal, como realçam os promotores, o cinema faz pensar sobre o fazer artístico e serve de espaço à reflexão filosófica sobre a vida.

Na Sepex o rosto da cultura e arte foi exibido pelo Departamento Artístico Cultural, pelo Museu Universitário, pelo Núcleo de Estudos Açorianos, pela Editora (EdUFSC) e pelo Departamento de Cultura e Eventos. É a cultura animando o ensino, a pesquisa e a extensão.



Fotos: Nilson Só/DAC

Café Filosófico: arte e conhecimento promovem espaço para o pensar filosófico sobre a vida

Mosaicos que fazem história

Estão passando por um processo de restauração os mosaicos externos do prédio da reitoria da UFSC, feitos entre 1995 e 1997 pelo pintor Rodrigo de Haro. O contrato para a obra foi assinado em maio deste ano no gabinete do reitor Alvaro Toubes Prata, com a presença do artista e de seu assistente, o artista plástico Idésio Leal. O painel tem 70 metros quadrados e se localiza na parte frontal do edifício e na lateral da Sala dos Conselhos e do auditório. Parte dos mosaicos se soltou e a parede do lado norte, que rachou, vem sendo reformada para a recolocação do material pelos dois artistas.

Os textos da obra, executada durante as gestões dos reitores Diomário de Queiroz e Rodolfo Pinto da Luz, resumem a história das Américas por meio de relatos de viagens, crônicas pré-colombianas, lendas amazônicas, literatura colonial e poemas de autores contemporâneos. Há excertos de textos do folclorista Câmara Cascudo, dos navegadores/cronistas Francisco Lopes de Gómará e Adelbert Von Chamisso e de escritores brasileiros como Raul Bopp, Pedro Port e Alcides Buss. No lado interno do hall da reitoria, parte de uma parede é dominada por um mosaico com a imagem de Catarina de Alexandria, padroeira dos estudantes e do Estado

de Santa Catarina. E, na parede a ser refeita, está a obra "Travessia", com os traços de Rodrigo de Haro e os seres míticos que predominam em sua obra plástica.

Segundo Rodrigo, a intervenção, além de necessária, é plausível porque "a obra de arte está sempre em aberto". Ele ainda pretende concluir o projeto original, que previa a colocação de mosaicos nas duas alas superiores e ao redor de todo o edifício. "Pensei em retratar ali a órbita celeste e elementos da ópera 'O Guarani'", diz o artista. É importante ressaltar que no hall do prédio há um grande painel e no gabinete do reitor existem duas telas de Martinho de Haro, pai de Rodrigo, que foi um dos mais expressivos pintores modernistas brasileiros.

Os painéis feitos na década passada por Rodrigo de Haro se tornaram uma das atrações da universidade e, para muitos, uma visita obrigatória para quem vem a Florianópolis. É comum pessoas que participam de congressos e outros eventos na UFSC posarem para fotos em frente à reitoria por causa da obra. O trabalho é citado no livro *Mosaicos brasileiros*, de Henrique Gougon, como uma das referências na arte do mosaico no país.



Foto: Paulo Noronha

Rodrigo e Idésio: restauração de 70 metros quadrados



Aviões, música e amores

Pelos céus da ilha de Santa Catarina do início do século XX voam os aviões, a música clássica e os amores entre Antoine de Saint-Exupéry, o autor de *O Pequeno Príncipe*, e Anna, personagem da ficção que se mistura com a história real de Florianópolis na obra de Antonio Galvão Novaes.

A história do aviador e escritor francês Antoine de Saint-Exupéry inspirou outro Antonio – o professor de Engenharia da UFSC, de sobrenome Galvão Novaes – a escrever seu primeiro romance-ficção, intitulado *Anna e o Aviador*, editado pela Ladscape.

A história de Anna e o Aviador se desenvolve nos anos 20 e 30, quando há registros históricos da passagem de Saint-Exupéry pela Ilha de Santa Catarina, transportando correspondências para França e Argentina. Em Florianópolis ele conhece Anna, moça da região apaixonada pela música clássica e de família luterana e

rica, descendentes de alemães.

A rivalidade entre franceses e alemães não desanima Saint-Exupéry. Romântico inveterado, utiliza a música para conquistar Anna. Com formação musical tipicamente alemã, ela aprecia os compositores germânicos, principalmente Beethoven, porém Antoine a atrai sutilmente para as impressionistas composições de Debussy. Os dois se apaixonam e a partir daí começa a aventura e a luta de Anna por sua independência e contra as tendências nazistas de sua família.

O livro retrata alegrias e angústias e mostra a força de uma mulher que jamais se subjugou aos preconceitos e imposições da época. Ao conhecer Saint-Exupéry, Anna se vê em meio a um conflito, e precisa decidir entre seguir uma carreira de musicista na Europa, longe de suas raízes brasileiras, ou aceitar as limitações culturais e curtir uma vida tranquila em Florianópolis, junto dos seus.

Depoimentos de manezinhos recuperam memória da Ilha

“Eu gostava mais do tempo em que não havia aterro, os barcos encostavam aqui atrás e o mar lavava tudo nos dias de vento forte”, diz em tom nostálgico o açougueiro Rogério do Livramento, um dos poucos remanescentes da época em que o Mercado Público de Florianópolis tinha 17 bancas para venda de carnes e uma infinidade de peixarias e bancas de verduras. O seu depoimento e o de outras 21 personagens que trabalharam, ainda trabalham ou tiveram envolvimento com a rotina do estabelecimento estão no livro *Mercado Público e suas histórias*, de Paulo Clóvis Schmitz (textos) e Danísio Silva (fotos).

A publicação reúne textos baseados, na maioria dos casos, em entrevistas com pessoas simples, fornecedores, comerciantes ou funcionários que passaram anos de sua vida ligados às lides do Mercado. “São figuras que conheceram a casa em outros tempos, antes da construção do aterro da Baía Sul, quando o Mercado concentrava parte substancial do comércio da cidade”, diz Paulo Clóvis, jornalista com 30 anos de profissão e que já havia publicado o livro *Pequena história do Teatro Álvaro de Carvalho*.

Entre os entrevistados estão plantadores de hortaliças que levavam sua produção para vender no Mercado, às vezes de barco, outras vezes em carrinhos de mão, donos de peixarias, gente que vendia galinhas vivas nas redondezas, proprietários de vendas que compravam mantimentos para revender nos bairros e pescadores que levavam o produto de seu trabalho direto para o Mercado. Também há depoimentos de frequentadores assíduos, como o funcionário público Décio Bortoluzzi, que ainda se

lembra, por exemplo, da fiambreira Dona Clara, que “tinha o melhor queijo e a melhor manteiga da cidade”. Dois oleiros contam como transportavam as peças da Ponta de Baixo até a cidade, em pequenas embarcações que precisavam de vento favorável para chegar ao destino. E Beto Barreiro, do Box 32,

diz como ajudou a transformar o Mercado a partir de 1984, quando instalou ali um bar voltado para um público mais seletivo e exigente que o tradicional.

“Essas duas dezenas de personagens nada representam no universo de pessoas que fizeram do Mercado Público o seu ganha-pão, mas o livro é um recorte que mostra o quanto ele representou para a cidade e o

papel que ainda tem como elemento agregador, como ponto de encontro e confraternização, como ambiente que preserva muito do modo de ser do ilhéu típico”, afirmam os autores. O livro, segundo o autor, não tem a pretensão de contar a trajetória do Mercado, funcionando mais como uma sequência de reportagens com figuras anônimas que ajudaram a contar sua história, que já tem mais de um século.

Foram ouvidos pelo jornalista Paulo Clóvis moradores de locais como Saco dos Limões, Barra da Lagoa, Santo Antônio de Lisboa, Pântano do Sul, Ponta de Baixo, Enseada do Brito e Armação de Piedade. O projeto do livro foi aprovado pela Comissão Permanente de Cultura da Fundação Franklin Cascaes e teve o patrocínio da Caixa Econômica Federal (CEF).



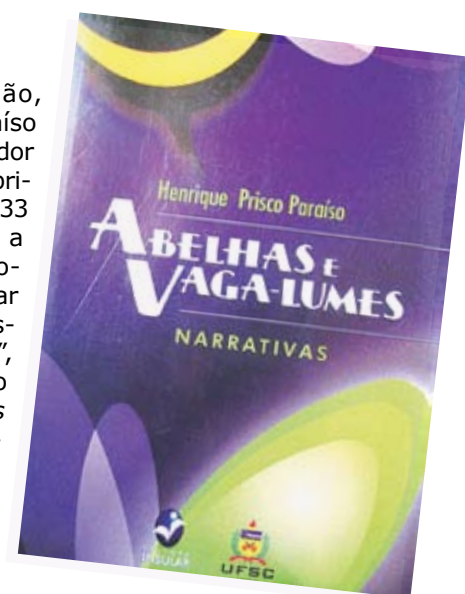
Letras de mel e luz

Médico e cirurgião, Henrique Prisco Paraíso também é um contador de histórias. Em seu primeiro livro, apresenta 33 narrativas curtas com a pretensão de “provo-car um sorriso, motivar uma reflexão ou despertar um sentimento”, segundo definição do próprio autor. *Abelhas e Vaga-lumes* (Editora Insular com apoio da UFSC) traz textos bem humorados com a elegância que marcou a trajetória profissional de Henrique Prisco Paraíso, que atua na medicina desde 1950. “Fazia do ato cirúrgico momento de elevada arte e agora transmite este estilo à literatura”, define o colega e contemporâneo médico Ernesto Damerou.

Baiano de nascimento, o autor passou a trabalhar em Florianópolis desde 1954, onde atuou nos hospitais de Caridade, Celso Ramos e Casa de Saúde São Sebastião. Henrique Prisco integrou a comissão organizadora da Faculdade de Medicina de Santa Catarina, foi professor na UFSC, presidente da Associação Catarinense de Medicina e secretário estadual de Saúde no Governo Colombo Salles.

Médico por profissão, o autor se diz “desde a adolescência, encantado pelo fascínio da literatura” e sempre teve vontade de escrever um livro. *Abelhas e Vaga-lumes* é a materialização desta vontade e, segundo ele, traz “coisas ouvidas de antepassados, vivências, acontecimentos do dia a dia e produtos da criatividade”. Algumas das narrativas são verdadeiras e muitas inspiradas em uma frase, um verso ou uma canção. Doutor Prisco afirma que ficará feliz se o leitor “sorri, pensar ou sentir, quem sabe, um instante de prazer do espírito”.

O escritor Jair Francisco Hamms, na apresentação da obra, destaca que Henrique Prisco nos brinda com “histórias de contagiante humor”. E vai além: “Vivesse Henri Bergson, filósofo francês autor de *O Riso*, em que analisa condições objetivas do cômico, do ridículo, do risível, e lesse *Abelhas e Vaga-lumes*, certamente muito riria.” Leitura agradável indicada para o período de férias.



Ombudsman

Avis rara no jornalismo universitário

Deixo claro desde já: minha opinião, em relação ao *JU* é oposta à do colega que me precedeu nesta seção (Gilmar Corrêa, edição nº 406, novembro de 2009). Para que não parem dúvidas, devo esclarecer, desde início, que a mesma (e óbvia) liberdade que deu a Corrêa, o editor também ofereceu a mim. "Fique à vontade: pode meter o pau no *JU*", escreveu-me Moacir Loth.

Pois bem, minha opinião é oposta à de Corrêa (a quem não conheço) em razão de um ponto que parece ter se tomado a questão fundamental e mais importante do jornalismo nos últimos tempos: a suprema necessidade de se ter que ouvir as pessoas da comunidade como forma de legitimar o que é publicado. "A comunidade não se vê no *Jornal Universitário*", escreveu Corrêa no artigo que teve como título "Necessário 'humanizar' as matérias". Para o ombudsman da edição anterior, os textos do *JU* "são meros despachos oficiais, pois desprezam 'gente' em suas frases e períodos".

Respeito a opinião de Corrêa, mas não concordo com ela. Em jornais de associações de moradores ou de corporações profissionais pode até ser uma necessidade imprescindível, por razões várias, revelar opiniões de seus próprios integrantes-leitores. Mas fazer isso como regra, em um jornal editado por uma universidade, especialmente se ela for pública, não me parece ser uma postura jornalística coerente com a natureza da própria instituição universitária. Universidade séria, como é o caso da UFSC, é baseada no mérito, e seu jornal deve refletir essa característica. Vão para as páginas do *JU*, como fontes das matérias, quem tem atribuição, qualificação e mandato para isso.

No meu entendimento, um jornal de uma universidade pública deve fazer exatamente o que faz este *JU* prioritariamente: informar a comunidade interna da UFSC e a sociedade catarinense em geral sobre o que de mais importante, do ponto de vista jornalístico, ocorre na Universidade. O que um funcionário que está na Universidade para realizar uma atividade-meio qualquer tem a ver com uma iniciativa relativa a uma atividade-



fim? Trocando em miúdos, por que um auxiliar administrativo da pró-reitoria de pós-graduação tem de ser ouvido pelo *JU*, por exemplo, sobre a política de expansão de cursos de doutorado da UFSC?

A Universidade tem um lugar reservado para que professores, alunos e funcionários, legitimados por mandatos oficiais como representantes de seus segmentos, mostrem suas opiniões: os órgãos colegiados. São vários os conselhos em que a comunidade é formal e necessariamente ouvida. Jornal ouve as fontes que considerar importantes para o assunto em pauta.

E tanto agora como quando era editado por Laudelino Sarda, o *JU* faz o que considero o autêntico jornalismo universitário. Trata-se de um jornal que reflete a instituição universitária, devendo se considerar que a universidade é muito mais do que a soma de professores, alunos e funcionários. Aliás, os veículos de comunicação apropriados para ouvir a comunidade como regra são os jornais de suas respectivas associações.

Em suma, o que em jornais de outras instituições pode representar uma postura democrática ou coisa que o valha, em um jornal universitário pode cheirar a populismo (ou falta de conhecimento do que é a instituição universitária).

José Roberto Ferreira criou o Jornal da Unesp em 1985 e foi seu editor durante 15 anos. Ex-presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico, é diretor da Acadêmica, agência de comunicação especializada em ciência, tecnologia e inovação.



Imagem

O Boitatá já chegou. A obra de 13 metros de altura, que foi concebida pelo artista plástico Laércio Luiz da Silva em comemoração ao centenário de Franklin Cascaes, dorme em frente ao lago onde será instalada, esperando o momento certo para voar por sobre o campus e aticar o imaginário popular. Dizia Cascaes: "O ente sobrenatural de que o homem tem mais medo é dele mesmo, é de si mesmo. Ele tem medo de verdade. Ele tem medo do boitatá, que é fogo-fátuo, que está nele próprio".

Poema

Professores do Departamento de Biologia Celular, Embriologia e Genética da UFSC, André Ramos e Nadir Ferrari fizeram uma parceria pela arte. No livro *O Anjo ao Contrário* (Editora Ofício), os poemas do autor foram ilustrados pela pintora. Aqui a poesia cosmopolita enriquece a pintura inspirada na tradição japonesa do *sumi-ê*.

Sedes

às vezes enlouqueço
e esqueço o caminho do poço.
o balde que trago é de gesso,
a sede que sinto é no osso.

os líquidos eu conheço,
mergulhado até o pescoço,
do mais fino ao mais espesso
todos molham só a língua.

bebendo e morrendo à míngua,
tenho a sede que mereço.

Alfabeto em forma de sonetos

A cientista da linguagem, autora e tradutora brasileira, professora titular aposentada pela UFSC, Leonor Scliar-Cabral, lançou, na forma de poesias, uma "arqueologia" das origens do alfabeto. Com a obra *Sagração do Alfabeto* a linguista presta seu tributo a um dos maiores feitos do homem na acumulação do saber: a invenção do alfabeto. E dá novo vigor ao soneto, forma que muitos jovens poetas considerada superada.

A publicação mostra que a trajetória da escrita desenvolve um lento percurso desde a fase em que as ideias são expressas por meio de figuras e cenas (tradução da realidade do mundo, a descrição das coisas), passando pelos ideogramas, até chegar à etapa fonográfica, que representa a fala. Na série de 22 sonetos, traduzidos para o português, inglês, francês, hebraico e espanhol, a autora recupera o simbolismo histórico das letras e o usa como inspiração. "Sagração do Alfabeto, não hesito em dizer, é um dos projetos poéticos mais belos e originais de que tenho conhecimento.", destaca na apresentação do livro Moacyr Scliar, um dos mais conhecidos escritores brasileiros da atualidade.

Site do Programa de Ações Afirmativas já está no ar

José Antônio de Souza
Jornalista na Agecom

Já está em funcionamento o site www.acoes-afirmativas.ufsc.br do Programa de Ações Afirmativas da UFSC, com informações diversas a respeito do assunto e dicas de como o público em geral pode se beneficiar com a legislação que garante cotas de vagas nas universidades brasileiras.

Ações afirmativas são medidas especiais de políticas públicas e/ou ações privadas de cunho temporário ou não. Elas pressupõem uma reparação histórica de desigualdades e desvantagens acumuladas e vivenciadas por um grupo racial ou étnico de forma que essas medidas aumentam e facilitam o acesso desses grupos, garantindo a igualdade de oportunidade.

Segundo a assistente social Corina Martins Espíndola, o site apresenta informações ao público em geral, traz orientações a respeito da legislação vigente, mostra links com outros sites relacionados e tem uma página com artigos. Na UFSC, o Programa de Ações Afirmativas foi criado

em 2007, mas somente no ano seguinte foi iniciado.

Na Universidade há uma comissão que acompanha o desenvolvimento do programa, fornecendo subsídios para a instituição avaliar a continuidade. Na opinião de Corina, o desafio é grande porque há alunos que se sentem ameaçados, são isolados por colegas de curso e discriminados por professores pelo simples fato de fazerem parte dessa iniciativa "Os demais universitários alegam que os beneficiados tiram vaga de outros jovens, enquanto que professores reclamam da diferença de nível dos egressos das escolas públicas", explica a assistente social.

Segundo Corina, há solução para isso através dos programas de monitoramento feitos por alunos de fases mais avançadas nos cursos. Atualmente mais de duas centenas de acadêmicos amparados pelas cotas estudam em diversos cursos nas áreas de saúde, tecnologia e ciências humanas.

A maior dificuldade do programa, na realidade, está no constante aumento da média de aprovação no vestibular que a Comissão Permanente do Vestibular (Coperve) vem promovendo. "Isso coloca a UFSC mais distante do sonho

de muitos estudantes pobres, especialmente os negros", considera Corina Espíndola.

Podem participar do Programa de Ações Afirmativas os candidatos que:

a) Tenham cursado integralmente todas as séries do Ensino Fundamental e Médio em Instituições Públicas de Ensino, entendidas como tais aquelas mantidas pelo poder público (Federal, Estadual e Municipal);

b) Tenham traços fenotípicos que os caracterizam na sociedade como pertencentes ao grupo racial negro. Não se enquadram nessa situação os candidatos que não tenham traços fenotípicos que os identifiquem com o grupo racial negro, ainda que tenha algum ascendente negro. Terão prioridade na classificação os candidatos negros que tenham cursado integralmente todas as séries do Ensino Fundamental e Médio em Instituições Públicas de Ensino, isto é, as escolas municipais, estaduais ou federais;

c) Que pertençam a povos indígenas.

Os jardins de Burle Marx

Precursor do modernismo brasileiro, Burle Marx criou mais de dois mil jardins pelo mundo. Em 2009, o arquiteto e paisagista completaria cem anos. A UFSC faz parte de seu currículo



Os jardins brasileiros, antes de Burle Marx, obedeciam ao modelo europeu, onde predominavam azaleias, camélias, magnólias e nogueiras; a foto marca a visita do artista à Universidade, em 1970, época em que também o hoje conhecido Aterro da Baía Sul, em Florianópolis, se chamava Parque Metropolitano e tinha o seu desenho

Tiffany Ródio

Bolsista de Jornalismo na Agecom

Setembro foi embora e deixou para nós a estação mais florida do ano: a primavera traz de volta o colorido e o perfume dos jardins. Nada mais inspirador para lembrar o ano do centenário de Roberto Burle Marx, celebrado com palestras, exposições e homenagens. No dia 4 de agosto deste ano, o maior arquiteto paisagista do século XX completaria cem anos.

Burle Marx ajudou a desenhar com plantas, lagos, cores e formas, diversos cartões postais do País, como o Parque Ibirapuera, em SP, o Complexo da Pampulha, em MG, e o Aterro do Flamengo e o calçadão de Copacabana, no RJ. Artista de múltiplas artes, também é reconhecido como grande desenhista, pintor, tapeceiro, escultor, pesquisador e designer de jóias.

Precursor do modernismo brasileiro, seus jardins tinham uma proposta inovadora. Foi pioneiro em usar plantas

brasileiras nativas em suas composições. O começo foi difícil: a elite conservadora da época estranhou o estilo abstrato e tropical de Burle Marx. Os jardins brasileiros obedeciam ao modelo europeu: predominavam azaleias, camélias, magnólias e nogueiras. "Foi Burle Marx quem valorizou as plantas tropicais. Antes dele, os brasileiros preferiam rosas e cravos às bromélias e outras espécies nacionais", conta o arquiteto e amigo Haruyoshi Ono.

Entre mais de dois mil jardins espalhados por todo mundo, o paisagismo da UFSC também é parte de seu currículo. O gênio dos jardins criou o projeto em 1969 – sete anos depois da instalação oficial da Universidade no Campus.

Essa é apenas mais uma obra do premiado Burle Marx atingida pelo descaso. As políticas de preservação desse tipo de patrimônio histórico ainda são insuficientes em todo o País. Na Capital de Santa Catarina, outra área verde não foi conservada, essa ainda nos anos 90.

Terminais urbanos, rodoviária, saco-

lão, estacionamentos. Hoje, o Aterro Baía Sul, no centro da cidade, é lugar de tudo, menos de uma área verde. Nos anos 70, chamado de Parque Metropolitano Dias Velho, o local tinha o desenho de Burle Marx. Projetado para ser um lugar de lazer e esporte, recebeu árvores, pavimentação e quadras de esportes.

Em 1996, a Prefeitura Municipal de Florianópolis, junto a outros órgãos, lançou o Concurso Nacional de Ideias para a Revitalização do Parque Metropolitano Dias Velho, convocando arquitetos a darem sugestões para a região. A equipe vencedora, coordenada pelo arquiteto André Schmidt, propôs devolver o mar a sua posição original: retirar uma parte do aterro para criação de um canal que desembocaria em um lago no centro da cidade, unindo mercado público e praça XV. Passados os anos, o projeto não foi implantado e o jardim de Burle Marx foi completamente substituído por construções e comércio.

Além da UFSC, o talento de Burle

Marx pode ser visto em outros lugares de Santa Catarina, como na Indústria Hering, em Blumenau; no Hotel Balneário de Laguna, em Laguna; e no Jardim Luxemburgo, em Joinville.

Sua arte se espalhou pelo Brasil. São dele os murais e vegetação do Aeroporto do Galeão, do aeroporto Santos Dumont, os jardins suspensos do Outeiro da Glória, a orla do Leme e a Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro.

Em outros estados há o Parque Anhembi, em São Paulo; o Palácio do Itamaraty em Brasília, DF. Do trabalho conjunto com Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, seus parceiros profissionais, nascem os famosos jardins de Brasília e muitos outros projetos.

Há também os jardins da Unesco e do prédio do Centro Georges Pompidou, em Paris; o Biscayne Boulevard, em Miami; Jardim Memorial na Praça Rosa de Luxemburgo, em Berlim; Jardim das Nações, em Viena; Parque Del Este, em Caracas, Venezuela, entre tantos outros espalhados por mais de vinte países.

As cores do Campus



Nove profissionais cuidam hoje dos jardins da UFSC; dentre as espécies encontradas estão petúnias, lírios amarelos, turneras e lantanas

Os jardins da UFSC ganham forma e são mantidos, atualmente, pelas mãos de nove profissionais. As principais espécies são Petúnias, Lírios amarelos, Turneras e Lantanas, adubadas duas vezes por ano.

Lembrando de 32 anos atrás, tempo em que já era servidora da Universidade, Celita Maria Fortkamp diz que os espaços floridos e gramados bem cuidados hoje estão abandonados. Outro que defende que nossos jardins já foram melhores é César Floriano, professor do departamento de Arquitetura. Segundo ele, a vegetação original foi sendo substituída com o tempo e o desenho está desfigurado. "Foram introduzidas esculturas e plantas que não estavam previstas no projeto inicial. Devemos restau-

rar os canteiros e muita coisa deve sair". O professor, que tem estudos sobre Burle Marx, diz também que nossas áreas verdes estão reduzidas, apesar de haver projeto para as regiões próximas aos ginásios e acima do Restaurante Universitário.

Nos 15 anos em que trabalhou como jardineiro na Universidade, o servidor Jorge Fernandes viu os jardins da UFSC serem reproduzidos em capas de agendas e visitados por famílias que faziam verdadeiros books fotográficos de suas crianças. Hoje observa que na primavera o campus não está florido. Sem ver a mesma beleza e colorido de antes, Jorginho diz que falta atenção e cuidado, e alerta que a comunidade universitária deve cobrar dos responsáveis.